

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

ANT, Clara Levin. Clara Ant (depoimento, 2006). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 36min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Clara Ant
(depoimento, 2006)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Alexandre Fortes; Marieta de Moraes Ferreira;

Levantamento de dados: Melissa Lourenço Machado;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Marieta de Moraes Ferreira;

Técnico de gravação: Marco Dreer Buarque;

Local: Brasília - DF - Brasil;

Data: 14/03/2006

Duração: 2h 36min

Arquivo digital - áudio: 5; Fita cassete: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto Memórias dos fundadores do PT, através do convênio estabelecido entre o Centro Sérgio Buarque de Hollanda - Documentação e Memória Política, da Fundação Perseu Abramo, e o CPDOC, da Fundação Getulio Vargas, a partir de 01 de dezembro de 2004, com o objetivo de constituir acervo digital e de publicar um livro desses depoimentos editados.

Temas: ABC Paulista; Atuação parlamentar; Brasil; Central Única dos Trabalhadores; Ditadura; Eleições presidenciais; Família; Golpe de 1964; Governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2010); Israel; Limites e fronteiras; Luiz Inácio Lula da Silva; Movimento estudantil; Movimento sindical; Partido dos Trabalhadores - PT; Política; Sindicatos de trabalhadores; Universidade de São Paulo;

Sumário

Entrevista: 14/03/2006 Fita 1 Origens familiares na Bolívia; filha de sobreviventes do holocausto; a chegada ao Brasil; raízes familiares remanescentes em Israel; o ingresso na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) na Universidade de São Paulo (USP); a construção de uma visão crítica e política; as influências ligadas ao trotskismo; o golpe de 1964 e as primeiras revoltas estudantis; a atuação em diversos setores de resistência à ditadura militar; a contribuição e atuação na Organização Socialista Internacionalista (OSI), atualmente conhecida como Liberdade e Luta (LIBELU); a vinculação ao Primeiro de Maio; a direção do Sindicato dos Arquitetos nas décadas de 1970 e 1980; o comitê de apoio ao metalúrgicos do ABC Paulista; a atuação na direção nacional da Pro-Central Única dos Trabalhadores (CUT); a Federação Nacional dos Arquitetos (FNA) como a primeira entidade sindical e legal que se filiou à CUT; o contato com Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) nos fóruns intersindicais e construção da Pro-CUT; a entrada ao Partido dos Trabalhadores (PT) e a LIBELU como uma corrente; a candidatura como deputada estadual em 1982 e 1986; o mandato como deputada estadual em 1986; a atuação como líder do PT na Constituinte Estadual; a divisão da LIBELU dentro PT. Fitas 2 e 3 As influências do PT às lideranças vinculadas à OSI internacionais; o PT como influência para a criação de outros partidos dos trabalhadores, em outros países; a contribuição como assessora do Lula em 1991; a estratégia política de sobrevivência em 1991; a organização das correspondências do Lula; as caravanas da cidadania; a criação do Instituto da Cidadania; a administração regional da Companhia Energética de São Paulo (CESP); o retorno ao comitê do Lula em 2002; a atuação na articulação e monitoramento das principais metas na candidatura do Lula; a colaboração na preparação das entrevistas; o governo Lula de 2003 a 2006; a atuação do governo diante de culturas políticas e sociais enraizadas; a eleição de 2006; a ausência de barreiras e fronteiras desde sua infância.

Entrevista: 14/03/2006

M.M. – Clara, você podia nos falar um pouco das suas origens familiares, da sua formação profissional, enfim, esses dados da sua família, de onde você nasceu, como foram os primeiros anos da sua vida.

C.A. – Está bom. Eu sou nascida na Bolívia, La Paz, em 1948; sou filha de um casal de judeus poloneses que viveram o holocausto, sobreviveram ao holocausto e que... enfim, foram para a Bolívia na expectativa de poder chegar nos Estados Unidos, através da ajuda de uma tia que morava lá mas que morreu, então não fomos para os Estados Unidos, e viemos para cá quando eu completei dez anos de idade; em 1958, eu vim para o Brasil. O Brasil é uma referência para mim fascinante porque, quando eu tinha oito, meu pai veio para o Brasil –, já com aquela idéia de poder vir para cá, em 56, Juscelino e tal –, e, quando ele voltou, ele trouxe um liquidificador para minha mãe, que foi assim absoluta revolução na nossa casa. [risos] O fascínio, eu nunca vou esquecer o brilho nos olhos da minha mãe. E para mim o Brasil era um liquidificador, sabe. [risos] O desenvolvimento e tudo isso, não é. E papai chegou, falou: “Olha, nós vamos morar no Brasil.” Dois anos depois, fomos morar para o Brasil. Isso é só para...

A. F. –Situar.

C.A. – É. Eu fui criada, fiz os quatro primeiros anos de escola numa escola israelita, aprendi a ler e escrever em hebraico, além, claro, além do espanhol, obviamente, porque eu vivia num país que se fala espanhol... Castelhana. Na Bolívia se diz assim: eu falo castelhana de Castilla, não é, o castiço. Eu fui alfabetizada simultaneamente, na escrita, no hebraico e no espanhol, e na minha casa sempre se falou o iídiche, então eu nasci ouvindo o iídiche e com uma marca muito grande da cultura judaica, das tradições a bem dizer, não é, as tradições judaicas, e da dor do holocausto, da perda, os avós que eu nunca ia conhecer, da parte do meu pai, que a família do meu pai, particularmente, quase inteira foi assassinada pelos nazistas. Então, essa foi minha infância assim.

M.M. – Você tem irmãos?

C.A. – Eu tenho. Tinha, não é, duas irmãs. Uma que nasceu na Rússia, no caminho... Os meus pais se conheceram na Rússia. Eles saíram da Polônia durante a guerra, foram para a Rússia, se conheceram na Rússia, casaram-se. Minha irmã nasceu, na verdade, na cidade que é da Alemanha, mas que estava ocupada pela Rússia. E depois... Eles foram então para a Bolívia, naquela trajetória. E depois, quando viemos para o Brasil, nasceu mais uma irmã. Então, eu tenho uma irmã brasileira, que atualmente mora em Israel, a minha irmã mais velha, que faleceu em Israel, e os filhos dela, todo mundo que é dela está lá, e meu pai e minha mãe, que se mudaram para Israel também, no final dos anos 70.

M.M. – Moram lá?

C.A. – Faleceram os dois lá. Então tem... Vamos dizer, todas as minhas raízes familiares, as remanescentes, estão em Israel. No Brasil, rigorosamente, eu não tenho nenhum parente. Tenho uma família, que teve uma trajetória muito semelhante à nossa, desde o holocausto, Bolívia, não sei o quê, então... que a gente se trata por primo e tal; mas, rigorosamente, laços de sangue, eu não tenho nenhum no Brasil. Então... É uma coisa interessante. E meu pai dizia que meus filhos, o Tetê e a Ruth, eles são brasileiros, eu tenho que estar no Brasil. [risos] Então. Aí nós viemos para cá em 58...

M.M. – E eles foram para São Paulo, diretamente.

C.A. – Diretamente. Nós viemos para São Paulo... Quer dizer, meu pai veio, e eu, minha mãe e minha irmã, nós fomos para Israel, para conhecer os avós maternos. Esses, no final da guerra, se mudaram para Israel. Aí conheci a família da minha mãe. Fiquei algum tempo, onde aprimorei o meu hebraico, aprendi italiano no navio, [ri] e... Enfim, uma coisa muito grande para uma menina de dez anos, não é. Atravessei o Atlântico, atravessei o Mediterrâneo, conheci outras línguas, outros países...

M.M. – Uma cultura muito internacional.

C.A. – É. Muito forte. E muita coisa para os primeiros dez anos da minha vida, não é. Então. Aí eu cheguei no Brasil, eu fui para o antigo admissão ao ginásio, três dias depois que eu cheguei; e estudei também numa escola israelita chamada Colégio Hebraico Brasileiro Renascença, que hoje é Instituto Educacional, e tem faculdade e tudo, mas, na época, só tinha até o ginásio. Eu estudei o ginásio lá e o primeiro colegial. Depois, o segundo e o terceiro colegial eu fiz numa escola estadual, em São Paulo também. Tudo em São Paulo. E depois

eu... Meu sonho era fazer filosofia, aí eu optei pelo curso clássico, que a gente tinha que optar. E na metade do terceiro colegial, resolvi fazer arquitetura, não é. [ri] Bom. Conclusão: tomei bomba no vestibular, certo? [ri] E depois, eu fiz um cursinho na metade do ano, tomei bomba de novo. Passei numa matéria, não passei noutras, não sei o quê... O vestibular para arquitetura era muito, muito estreito, não é, o gargalo era muito pequeno e tal. Mas tudo bem. Eu também não tive talento. E na terceira vez então eu passei.

M.M. – Você fez para a USP.

C.A. – Fiz para a USP e para o Mackenzie, que era o que tinha em São Paulo. Aí eu passei na USP e... fiquei muito feliz. Eu passei na USP e depois, entrei no ano histórico de 68. Então fizemos... Meus dez anos de Brasil, 58 a 68, passam por tudo isso.

M.M. – Você terminou a escola muito cedo então.

C.A. – Não. Não. Eu não terminei cedo. Não. Eu comecei em 68. Eu entrei na FAU em 68. Aí eu saí, tranquei, morei um ano em Israel, não sei o quê...

M.M. – Eu sei. Mas você está dizendo que tentou o vestibular duas vezes.

C.A. – Ah, não. Eu terminei na idade certa. Quer dizer, eu fiz o vestibular com dezoito anos, o primeiro, o segundo com dezenove, entrei com vinte. Entrei em 68, eu nasci em 48, entrei com vinte. Aí vamos voltar só mais um pouquinho para trás. Eu tive a sorte, eu acho, em 1963... Antes disso. O meu pai tinha um discurso assim... que ele usava muito a palavra socialismo em casa. Não que ele fosse um socialista, mas ele era muito politizado, a gente assistia noticiário junto...

M.M. – Ele tinha militância política?

C.A. – Nenhuma. Nenhuma. Nunca teve.

M.M. – Qual era a atividade econômica dele?

C.A. – Ele era... Quando nós chegamos lá na Bolívia, ele começou como mascate. Depois, conseguiu montar uma lojinha, então foi, tal. E chegou no Brasil, montou uma loja. Foi exatamente nos anos 60, esse modelo é de sessenta, não é. Da loja, como acho que milhares de pessoas fizeram no Brasil, comprou uma máquina circular, começou a fazer... (chamava-se circular, uma máquina que faz tecido assim, não é) e começou a produzir tecido; depois, começou a produzir, fazer uma pequena confecção; até que cresceu, montou uma fábrica com

outros sócios e, no final dos anos sessenta, começo dos anos setenta, ele tinha uma indústria razoável, uma indústria têxtil e com estamperia de tecidos, uma rede de lojas, tal. Bom. Então, voltando só um pouquinho. Eu tive... Meu pai tinha essa... Estou demorando muito na vida pregressa aí?

M.M. – Não. Nós temos todo o tempo. Você é que sabe o tempo.

C.A. – Está bom. Porque isso aqui é bem importante para a minha formação, para meus conceitos, para minhas convicções.

M.M. – Mas eu acho que é muito importante. Nós estamos à sua disposição.

C.A. – O meu pai, assim... Era religioso para ele era chegar em casa antes de começar o Repórter Esso. Observe-se que não tinha tevê na Bolívia, certo. Então, nós chegamos aqui, a tevê para nós foi mais do que o liquidificador, certo? [ri]

M.M. – Um acontecimento.

C.A. – É. Era branco e preto. O Sítio do Pica-pau Amarelo e tal, essas coisas eram imperdíveis para nós e tal. Mas o meu pai chegava em casa dois minutos antes de começar o Repórter Esso. Você não sabe o que é o Repórter Esso.

M.M. – Eu sei, porque eu sou da sua geração.

A. F. –Eu nunca vi, mas eu sei. [ri]

C.A. – É. Mas era... o Khalil Filho, que chamava o cara, não é? Ele morreu, uns dez anos atrás. E assistia tudo, comentava, e lia tudo, toda a literatura ídiche meu pai leu. Agora, em termos de literatura brasileira assim, ele não tinha uma... Mas ele lia jornal todo santo dia. Então ele lia jornal e assistia o Repórter Esso, e isso sem piscar, e ouvia muito rádio. Aí, depois, ele gostava do Silvio Santos, essas coisas. Mas isso já não vem ao caso. Então. Aí meu pai, sempre ele brincava, ele falava: na minha casa tem socialismo, na minha casa tem democracia, então... São coisas que vão...

M.M. – Marcaram você.

C.A. – Marcam, não é. Você fica...

A. F. –Uma referência.

M.M. – Você teve alguma militância nesse período que você estava na escola?

C.A. – Vou chegar lá. Aí eu tive, em 63, não é, que eu estava falando, tive a felicidade de conhecer pessoas da minha idade, que não estavam na minha escola, que se diziam socialistas... Se diziam assim, não eram... Eram moleques, não é, um pouquinho mais velhos do que eu. E teve a grande greve dos professores em 63, dirigida pelo Raul (), do Centro do Professorado Paulista. Aí teve a greve, e o diretor da nossa escola, ele ameaçou os professores, se eles entrassem em greve. Aí eu conversei com meus amigos, contei isso, e eles entraram em contato com o Raul () que por sua vez ligou para o diretor e falou: pô, o que é isso? E tal. Ameaçou, não sei o quê. Enquanto isso acontecia, eu, assim, sem nenhuma formação, sem nenhuma discussão, sem nada, eu acordei... (eu entrava às dez para as sete) acordei super cedo, cheguei na porta da escola às seis e meia e comecei a batalhar para ninguém entrar. Porque eu tive a grande idéia que, se a gente não entrasse, eles não podiam dar aula. Então essa foi a minha...

M.M. – Primeira experiência.

C.A. – Foi a primeira experiência, super espontânea, super ingênua também. Eu não sabia o que é estava... E aí... enfim, esse foi o momento super importante, começou...

A. F. –Você tinha quinze anos.

C.A. – É, quinze anos, exatamente. Eu estava no primeiro colegial. E depois, obviamente que minha convivência lá dentro não ficou muito boa, por isso que eu, depois, mudei para outra escola. Bom. Então, esses são os primórdios. E por que eu conto isso de 63? Porque significa que eu vi o golpe com outros olhos. Quer dizer, eu já tinha uma...

M.M. – Uma visão crítica.

C.A. – Uma visão. E tinha amigos que eram mais velhos. Porque meu namorado era dois anos mais velho do que eu e ele tinha uma irmã que era dois anos mais velha do que ele, que tinha um namorado que era dois anos mais velho do que ela, que fazia filosofia, que dava aula no cursinho do grêmio, que não sei o quê, não sei o quê. Conclusão: um pouco antes de 64, quando veio aquele rolo todo, teve a palestra do Almino Afonso mais a do Paulo de Tarso, teve uma interrupção num cinema que teve uma palestra... Cine Cato. Nem sei onde fica. Não fui lá. Mas foi um episódio que deu uma baita confusão, aí nós fomos para a Faculdade de Filosofia, na Maria Antonia, chegou o DOPS, e não sei o quê... Eu me lembro só que eles dispensaram, porque eles achavam que as mulheres são inofensivas, então eles dispensaram a

gente, e os rapazes ficaram. Então esse foi o meu contato assim com as coisas, antes do golpe. Isso significa que eu, a partir daí, eu tinha uma postura com relação ao golpe, não é. Então... postura, amigos, opiniões, já era uma coisa... E assim vivi esses anos todos. 66, participei da Setembrada, já estive nas manifestações; os grupos de dez que a gente fazia, porque a gente... A Setembrada foi braba, não é. Estava todo mundo ali... Você conhece São Paulo?

M.M. – Conheço um pouco.

C.A. – Ali no Paissandu.

M.M. – O que era a Setembrada, exatamente?

C.A. – Então. A Setembrada foi uma primeira revolta estudantil contra o governo militar. Agora, não lembro se tinha algum motivo específico. Não me lembro mesmo.

A. F. – Vladimir falou um pouco disso.

M.M. – É. Nós entrevistamos Vladimir, ele falou um pouco desse movimento no Rio.

C.A. – É. Então aí, o que é que aconteceu? Em São Paulo, o que é que aconteceu? Foi fantástico. Eu estava no cursinho, não é, 66, eu estava no cursinho. E aí eu não tinha assim um contato, era mais o pessoal da faculdade que tinha. Então, o que é que aconteceu? O pessoal... Não sei como se conseguiu, uma coisa que só se consegue uma, duas vezes na história, não é. Todo mundo estava organizado em grupos de dez; e estava orientado, então ficaram nas filas dos cinemas, (que tinham aqueles cinemas no centro de São Paulo que funcionavam desde cedo) muito ônibus ali no Paissandu, pastelaria... Ali é assim, não é, de gente. Aí chega o José Dirceu, sobe num banquinho, diz assim... pererê... e tal... Aí sai. De repente... vupt! – tinha um monte de gente ali. Estava todo mundo esperando, disfarçando, nas filas, nos pontos de ônibus e tal. A hora que ele chegou, ele... Esse foi o... vamos dizer o grito de guerra, não é. E saímos e... Setembrada foi uma série de manifestações, passeatas, tal. Até que eles foram para... Teve um momento ali, se eu não me engano foi em 66, que fecharam a gente no Viaduto do Chá, não é. Então, fechou aqui, fechou aqui... e agora? Pula ou não? Então... Teve alguns momentos assim, meio fortes. Eu não lembro muito porque tive tanta coisa, tantas vezes, depois, não é, 68 e tal, que eu não... Mas eu lembro desse momento no Paissandu, assim, uma coisa impressionante. Aí eu... Depois... Aí eu já circulava muito entre o... vamos dizer, o pessoal de cursinho e a faculdade, não é. Então, conheci o José Dirceu, que tinha ganho as eleições da UEE, mas a Catarina Melone reivindicava também, que eles tinham

ganho, e briga... Eu não lembro mais se isso foi em 66 ou 68, mas eu acho que foi 66. E eles brigando um contra o outro, não é. Eu sei que eu assisti uma reunião na USP, eles dois brigando. Mas eram umas coisas assim que eu... eu não conseguia entender. Eles falavam que eu era massa avançada, não é. [risos] Eu me sentia um pedaço de coisa de... um pré-pastel, não é, quando eles falam que eu sou massa avançada, não é. [risos] Mas tudo bem. Então isso foi assim... Foram anos intensos, difíceis, não é. Porque a gente fazia tudo com muita coragem, muita... aquela coisa juvenil, não é, mas também com... Muito louco, não é. Porque se arriscava de uma maneira bastante... Que é só assim que sai, não é. Bom. Então isso foi assim. Depois, em 68, também eu... Eu digo assim que, de uma maneira geral, sem nenhum destaque muito especial, mas eu participei de quase tudo que se fez contra a ditadura. Exceto de abril de 69 a abril de 70, que eu morei em Israel um ano. Eu saí daqui por conta de uma relação pessoal, sobre a qual eu não quero falar mas que... ele precisava sair, aí a gente saiu, ficamos um ano lá em Israel. Depois... Então prefiro falar só de mim. Eu casei em 67, antes de entrar na faculdade. Eu casei em 67, e daí, em 68, eu entrei na faculdade. Quem entrou em 68 logicamente que não fez nada no primeiro semestre. E aí, em 68... em 69, fui para Israel. 70, voltei. Aí eu não podia mais... Eu fiz a besteira de trancar a faculdade. Se não tivesse trancado, eu não perdia; mas eu tranquei, então, eu voltei, eu tive que me matricular de novo no primeiro ano. Então em 71... Em 70, voltei mas fiquei só trabalhando. E em 71 voltei para a faculdade. 71 e até 75, eu fiz a FAU – USP. Aí eu cheguei em 71...

M.M. – A barra estava superpesada, não é.

A. F. – Deixa eu perguntar uma coisa. Nesse período então, dessa posição de massa avançada e tal, você não chegou a criar nenhum vínculo mais orgânico com algum tipo de organização.

C.A. – Não. Eu, não. Mas as pessoas... Eu tinha muitas... muitas não, diversas pessoas a minha volta que tinham vínculos orgânicos, aliás com diversas organizações. Então, por exemplo, eu conheci pessoalmente, de muito perto, a Iara (), mas eu sou amiga da irmã dela, não dela. Ela era mais velha do que eu. E a Rosinha, nós fizemos a faculdade... fizemos cursinho, faculdade e tal. Eu fui muito amiga da Ângela, Ângela... Ângela acho que Camargo. Não. Ângela... Daqui a pouco eu lembro. Nós fomos amicíssimas. Mas só que foi presa pelo POC, por uma atividade que eles foram fazer não sei aonde e tal, e caiu um monte de gente e tal. Depois, eu tinha amigos que foram parar na ALN. Eu tinha amigos de... Mas eu,

diretamente, não me envolvi em nenhum... não tinha nenhum vínculo. Tinha sonhos. Sonhava em ser Tânia, a Guerrilheira, foi curtinho o tempo que eu sonhei isso, não é. Quando você lê o diário de Che Guevara, não sei o quê e tal, ah! eu quero ser Tânia, a Guerrilheira. Sonhei em fazer faculdade de desenho animado na Tchecoslováquia, mas os tanques chegaram antes de mim, dois dias antes de mim... Tive uns sonhos assim. Mas eu não tinha uma participação direta. Dava apoio... Tem cenas que eu me lembro assim, difusas, de alguém me pedindo para ir lá dar um recado para não sei quem ou guardar na minha casa...

M.M. – Arrumar dinheiro.

C.A. – Não. Dinheiro, não. Na época, não me lembro de ninguém que tenha me pedido dinheiro. Nunca. Mas era sempre uma espécie de retaguarda, tendo em vista que a pessoa como meu companheiro tinha, sim, uma participação. Aí depois, quando eu voltei para a faculdade, eu me posicionei contra os grupos guerrilheiros, os grupos foquistas...

M.M. – A luta armada.

C.A. – É. Contra a luta armada. Achava que... Tinham uns núcleos assim, de reconstrução da UNE, da UEE, mas que eram muito fechados, e eu polemizava com eles, que eu achava que a gente não ia reconstruir se ficasse fechado. Também não era fácil ficar aberto. Mas era uma polêmica, não é. Porque tinha gente... alguns dos grupos, por exemplo, da reconstrução da UEE, se reuniam para discutir tática armada. Então, não podia reconstruir uma entidade de massa discutindo tática armada. Mas era... Eu reconheço que era bastante complexo, não era fácil se posicionar; mas a minha posição, ela foi cada vez mais se aprimorando nessa direção. Então eu não tinha vínculos. Tinha pessoas muito perto de mim que tinham vínculo, tive amigos... perdi muitos amigos nos anos seguintes...

M.M. – Na repressão.

C.A. – Na repressão. Mas eu não me vinculei. A única vez, a primeira vez que eu me organizei foi em 1974, na que veio a ser a Organização Socialista Internacionalista, que todos vocês conhecem como LIBELU. Bom. Então... 68, 69, 70... 71, eu volto para a faculdade, tenho essa trajetória...

M.M. – Mas aí você já tinha se formado, em 75.

C.A. – Sim, 75. Mas o período da faculdade, também não fiz pouca coisa não. Inventei desde curso de férias... Só para reunir gente. Levei até Fernando Henrique para dar palestra, durante as férias, para reunir as pessoas, para agregar. A gente... Bom. A Faculdade de Arquitetura foi um... um show de coisas, não é, e coisas heterodoxas. A gente fez uma... Uma colega nossa, a Dailene, foi presa, nós fizemos... você não acredita, tão maluco, tão maluco, tão maluco... Que nós fizemos uma assembléia, dividimos em grupos, um grupo para falar com a família, um grupo para pegar roupa para levar para o DOPS, outro grupo para não sei o quê... Foi todo mundo preso, não é. [ri] Assim, os dois grupos, o que ficou de levar para a família, esses dois foram presos. Bom. Mas a gente fazia, não é. Fazia, era alertado pela direção da escola, mas fazia. Daí, 73, acho que o Alexandre Vanuque Leme é morto, na USP, não é. E daí também... Quer dizer, todas essas coisas eu participei. Como disse, não tinha uma participação direta assim...

M.M. – Você não era organizada.

C.A. – Não. E não tinha uma participação assim, não era uma pessoa de falar em assembléia, não sei o quê.

M.M. – De liderança.

C.A. – É. Em 75, antes de me formar, aí liderei uma batalha para tirar o Partidão da diretoria do grêmio da FAU. Eu não podia participar da chapa porque eu estava me formando, não é, mas aí eu aglutinei muita gente; aglutinei o núcleo da Organização Socialista Internacionalista, (que veio a ser) tinha uma Frente Estudantil Socialista que, só na Arquitetura, tinha vinte e cinco pessoas. Então aí eu organizei mesmo. E me formei. E, dentro da OSI, eu militava numa célula operária. Devia ter dois operários, os únicos da OSI, mas... [risos] Lá em São Bernardo. Um era químico, o outro era metalúrgico. Dois metalúrgicos, uma menina e um rapaz, e um químico. E eu coordenava essa célula. Aí eu fui trabalhar. Trabalhei, acreditem se quiser, no Cebrap, trabalhei com o então professor meu da FAU, que gostava muito de mim, me respeitava e tal, fui lá, trabalhar numas pesquisas com ele, o professor Juarez, que eu gosto muito até hoje; que é um tucanão, mas eu gosto muito dele.

A. F. – Juarez Lopes?

C.A. – Juarez Lopes, é. Adoro ele. Ele não acredita nisso. [ri] Mas eu gosto muito dele. Então. Aí eu fui trabalhar, trabalhei no Cebrap e tal, até que, em 77, eu fui convidada para

trabalhar na PUC de Campinas, para dar aula de planejamento. Então fui lá, fui dar aula de planejamento, como assistente, evidentemente, tinha acabado de me formar. E em 77, vocês também sabem o que aconteceu no Brasil, não é. Aí foi uma coisa superdoida, não é. Porque eu montei, participei da organização da oposição ao Sindicato dos Professores, em Campinas, propus, e a gente criou uma comissão (Pro-PUC) nos moldes da PUC de São Paulo que tinha criado uma associação de professores; por que a gente não tem uma também e tal. Aí formamos a comissão (Pro-PUC) e organizamos a campanha salarial, e obviamente que a Organização Socialista Internacionalista tinha um peso em Campinas, tanto nos estudantes, nos professores e nos metalúrgicos. Nós tivemos um peso importante lá em Campinas. Então, fiz de tudo, até correr de cachorro da POS, lá em Campinas, eu corri.

A. F. – Oposição sindical.

C.A. – É. Não. Eu fui distribuir o jornal *Trabalho*.

A. F. – Sim. Mas eu digo, o peso da OSI era oposição, nesse período, 77.

C.A. – Metalúrgico na oposição, claro. Era oposição ao Sindicato dos Professores. Era tudo assim. Participei ainda, também no período, na... Tinha MUP e MOAP. Era o Movimento de União dos Professores e o Movimento de Oposição à Associação dos Professores, sei lá. MOAP era: Paulo Frateski, Bia Bardi, era esse pessoal mais ligado ao MEP; e o MUP, eram as organizações mais trotskistas. Então participamos juntos, e nós derrubamos o pelego da...

M.M. – Nesse momento, o que é que levou você a se engajar de uma forma mais organizada?

C.A. – Não. Olha, eu... assim, engajar, como você viu, eu sou engajadona.

M.M. – Não. Já entendi. Você sempre... Claro. Mas você era uma pessoa que atuava de uma forma independente. Depois, você muda, de uma oposição independente para uma posição de...

C.A. – É. Porque eu não tinha identidade com o Partidão, achava... Mas não que eu soubesse grandes teorias, mas a atuação deles na Arquitetura era uma porcaria, não é, então eu não me identificava. E a gente tinha lá um debate de arquitetura, que estava misturando com política, não é. Como se todo mundo que é do Partidão fosse adepto de uma linha arquitetônica e quem não é do Partidão é adepto da outra linha arquitetônica. Mas, enfim, tinha um debate

grande, e eu não simpatizava com o Partido Comunista. Assim como, eu já disse para vocês, eu não concordava e não acreditava, na verdade, não confiava que a luta armada pudesse levar para algum caminho. Também, sem grandes elaborações, não acreditava. Quando a gente começou a ter mais contato na USP, entre as faculdades, quando morreu o Alexandre, quando começou a ter algumas assembleias universitárias assim, tudo meio corrido, mas começou a ter, então eu conheci o pessoal do... na época, era chamada Organização Primeiro de Maio, que é uma das que deu origem à OSI. Então, ao conhecê-los, eu gostei das propostas. E eles, na verdade, eu estava numa... Nós estávamos numa assembleia na FAU, por conta desses rolos todos, e o pessoal do Partidão estava propondo muita ponderação porque... a abertura do Geisel, porque não sei o quê e tal; e ali, na FAU, a gente fazia assembleia no atelier, que tem umas mesas enormes assim, para desenhar, e estava o menino do TC... *blablablá* e tal, eu subi, para falar, em cima da mesa, e... *blablablá*... Ah! adivinha, não é. Fui assediada imediatamente. [ri]

[FINAL DA FITA 1-A]

C.A. – Então. Aí o pessoal me procurou, não me conheciam, me procurou... quem é essa? tal, vamos tentar... Aí depois, teve a eleição de 1974, o pessoal trotskista defendeu o voto nulo, e eu não concordava com o voto nulo, eu votei no PMDB. Mas eu ajudei... Olha que loucura. Porque eu achava que todo mundo tinha uma razão, então eu ajudei a distribuir o folheto deles. E foi a primeira vez, eu dei dinheiro para o jornal. Eles tinham dois jornais, um jornal dos estudantes e um jornal dos trabalhadores. Aí eu dei dinheiro para o jornal dos trabalhadores. Assim. Era a minha cabeça. Mas enfim... Aí fui me aproximando e acabei sendo... na linguagem precisa dos grupos de esquerda, fui cooptada, com direito a vestibular também e tal e tudo. Li um monte de coisa do Trotsky e tal, achei superbacana; acredito que ele tem uma contribuição enorme para o pensamento democrático dentro do socialismo, não é, e... e é um escritor fascinante, não é, não tem quem resista. Então aí, eu me engajei e... a partir daí, toda a minha trajetória de intervenção, de trabalho, ela tem a ver com a discussão que a gente fazia na organização. O que não quer dizer...

A. F. – Você chegou a participar da própria criação mesmo.

C.A. – Dessa tal OSI. A Primeiro de Maio existia...

A. F. – Não, não. Da OSI.

C.A. – Da OSI, sim, da fundação, sim, eu participei da fundação. Eu entrei no Primeiro de Maio. Eu me filiei entre aspas, porque era tudo clandestino, não é, era ilegal.

A. F. –Se vinculou.

C.A. – Então. Me vinculei ao Primeiro de Maio. Depois, eu fui fundadora da OSI, participei de todas as coisas. Isso não quer dizer que tudo o que eu fiz é uma decisão da OSI. Por exemplo, eu entrar no movimento sindical assim, eu fui da minha cabeça também. Aí depois... Porque as coisas são arrumadinhas na cabeça de todo mundo, então ninguém olhava para mim como alguém que vai entrar no movimento sindical, [ri] porque... arquiteta, tal, não sei o quê. De repente eu estava lá no movimento sindical. Depois eu fui trabalhar na prefeitura de São Paulo... Eu fui demitida em Campinas, por três motivos alegados pelo reitor... quatro motivos. O primeiro, porque eu estava numa oposição do sindicato; o segundo, porque eu estava na campanha salarial; o terceiro, porque queria construir a Pro-PUC; e quarto, porque era judia, boliviana e divorciada. Esse foi quarto motivo muito forte que... Porque a imprensa foi perguntando, e daí? , e daí?, e daí?... aí, não tinha mais o que dizer, falou: ela é judia, boliviana e divorciada. É algo patético, não é.

M.M. – Quando é que foi isso?

C.A. – Isso foi em 78. Março... Que dia que começam as aulas? Primeiro de março, não é. 28 de fevereiro de 1978, ele me demitiu. Então aí eu continuei morando um tempo em Campinas. Depois, eu dei aula em Mogi das Cruzes. Durei três meses. Porque aí, teve uma greve, demitiram vinte e seis professores. Eu fui para a reunião com o diretor, ele não me conhecia, ninguém me conhecia, aí meti a boca; aí chegou o chefe do Recursos Humanos, falou assim: “Foi um erro. Não eram vinte e sete. São vinte e sete. A sua cartinha.” [risos] Aí fui demitida também, lá em Mogi das Cruzes. Aí eu... já estava muito difícil eu sair de... já dar aula em Mogi morando em Campinas já era difícil, não é. Mas aí eu saí de Campinas, voltei para São Paulo e fui trabalhar na prefeitura. Na prefeitura, era a prefeitura... sei lá quem era... o Reinaldo de Barros. Desculpem essa... Não registrem a minha ignorância. Não me lembro quem era o prefeito.

M.M. – Mas isso, depois, a gente vai ver.

C.A. – É. Não lembro quem era o prefeito. Mas o secretário de Planejamento era um arquiteto que foi meu professor, que foi inclusive orientador da minha tese. Daí ele me admitiu

lá. E fiquei dois anos e pouco. Eu entrei no final de 78. Fiquei 79. 80, fiquei, organizei o comitê de apoio à greve dos metalúrgicos do ABC. 81, eu dancei, sabe, [ri] eu fui demitida também. Primeiro, ele tentou me ajudar, me demitiu e admitiu como autônoma no SEPAN, num negócio assim. Aí depois, não teve jeito, dancei de vez, não é. Aí... Faz parte, não é. Então... Não é?

A. F. – Claro. Aí no caso, na prefeitura, já é um trabalho no planejamento, um trabalho ligado à formação de arquitetura mesmo.

C.A. – É, um pouco assim. Na verdade, na Secretaria de Planejamento, eram mais pesquisas e análises, estudos. Olha quem trabalhava lá. Vicente (Trevas); (Maiome de Souza Lima), que morreu num acidente horrível, atropelada; Lucio Kovarick, Pedro Paulo Monteiro Branco, que foi do CEAB. Já era esse povo que trabalhava ali. Nádía Sommek, que você deve conhecer também, não é. Era a nossa turma ali, no vigésimo andar, era esse povo.

M.M. – E vocês tinham um projeto de intervenção social, alguma coisa assim?

C.A. – Não. Imagina. A prefeitura do PDS e tal, não é.

M.M. – É. Eu sei. Mas de alguma forma, às vezes, dentro desses lugares, aconteciam.

C.A. – Não, não. Não. Tinha... Por exemplo, eu escrevi três textos, co-autoria com o Lucio Kovarick, um era de favela, outro de cortiço, o outro de violência urbana, que o cara deixou a gente escrever, entende? Na verdade, a Secretaria de Planejamento da Prefeitura, ela não apita nada! E não tinha, na época, obrigatoriedade de grandes projetos. Você tinha um plano diretor e... tchau. Na verdade, aquilo lá, aquela secretaria, naquele momento, não tinha nenhuma interferência na cidade.

M.M. – Sei. Capacidade de atuação mais efetiva.

C.A. – Não, não tinha. Não tinha. Acho que era um lugar onde se tolerava um pensamento um pouco diferenciado, mas era um... no meio da ditadura e tal ainda, não é. Bom. Então. Daí eu... 80, 81... 81, eu saí. Daí tem... Década de 80. Aí já falei. Comitê de apoio aos metalúrgicos do ABC. Foi uma dedicação fundamental, não é. 77... Esqueci de falar. Gente! Vocês estão me obrigando a lembrar de... Nós estamos em... 77, 78, 79, 80 e 81. 77, eu entrei na diretoria do Sindicato dos Arquitetos, até 81. E em 81, eu entrei na diretoria...

M.M. – Você vai ser presidente?

C.A. – Não. Fui do Conselho Fiscal. Mas todo mundo, quando eu encontro hoje pessoas, trinta anos depois, eles falam que acham que eu fui presidente. [ri]

M.M. – Você nunca foi?

C.A. – Nunca fui presidente.

M.M. – Engraçado. Em vários lugares, que eu li, para poder...

C.A. – Você acha que era o presidente, não é?

M.M. – É. Não é que acha, fala, textualmente, que você foi presidente do Sindicato dos Arquitetos.

C.A. – Não. Do sindicato eu fui diretora. E eu fui vice-presidente da Federação Nacional dos Arquitetos, dois mandatos. E fui então... Em 81, eu entrei na Pro-CUT. 1981, conclave (conclave?) de 81, eu fui como delegada dos arquitetos, e entrei na Comissão Nacional Pro-CUT. Lembra da primeira Comissão Nacional Pro-CUT, não é? Essa comissão, eu tinha uma atuação muito forte. E em 81, para minha sorte, eu fui readmitida em Campinas, porque caiu o reitor que me demitiu, e ele readmitiu todos os professores que eles tinham demitido por perseguição política, então eu voltei para Campinas. Então, fui demitida da prefeitura e fui readmitida na universidade. Foi muito *legal*. Com a Pro-PUC existindo, não é. Quer dizer, tudo... Um prazer muito grande. A oposição, já tinham ganho o sindicato dos professores, não é. Tudo, você olha e fala, vale a pena, não é, essas coisas todas que a gente faz.

M.M. – Os ventos estavam mais favoráveis.

C.A. – É, os ventos estavam mais... Ah, esqueci. Em 77, foram as manifestações da anistia, tudo isso. Tudo isso, a gente participou, não é. Bom. Então. Aí eu...

M.M. – Aí começam os preparativos para o PT, não é?

C.A. – Não. Isso já... O PT, 81, já tem o PT. Em 80 já tem PT. Então deixa eu acabar o ramo CUT, eu volto para o PT. Porque eu sempre fui mais envolvida no movimento sindical, não é. Mas tem a trajetória... Então. Aí eu fui da direção nacional da Pro-CUT. Em 83, na...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

C.A. – Tem que mudar a fita. É isso?

M.M. – É. Mas mudei já.

C.A. – Aí eu fui da direção nacional da Pro-CUT, depois eu fui da direção nacional da CUT até 1988.

M.M. – Como é que é essa história, em vários locais aí, que têm menção sobre, que você foi a primeira pessoa que filiou um sindicato...

C.A. – À Federação Nacional.

M.M. – É. Como é que foi essa história?

C.A. – Não. Sabe o que aconteceu? É o seguinte. É que o sindicato dos...

M.M. – Dos bancários e dos metalúrgicos estavam ilegais.

C.A. – Estavam sob intervenção. Então a FNA, a Federação Nacional dos Arquitetos, foi a primeira entidade nacional que... Não. A primeira entidade sindical – legal, etc. etc. – que se filiou à CUT. Foi a primeira. Federação Nacional dos Arquitetos.

M.M. – Ah! Foi a Federação.

C.A. – É. E que nós tínhamos uma bancadinha de delegados lá no Congresso. E vários companheiros arquitetos, tanto nos estados como na Federação Nacional, contribuíram muito nesse processo de democratização do movimento sindical, porque tinha uma liberdade maior e um trânsito. Então, por exemplo, em 80, no Comitê de Apoio aos Metalúrgicos do ABC, tinha uma atuação muito precisa de arquitetos, artistas, jornalistas e... engenheiros não, os engenheiros ficavam mais para o lado do Joaquinão. Principalmente isso, arquitetos, jornalistas e artistas... (Não deu?) assistentes sociais...

M.M. – Está vendo? Meu gravadorzinho aqui, analógico...

C.A. – É. Então. Essas categorias mais... vamos dizer, que transitam na classe média, tiveram uma contribuição importante para fazer, vamos dizer, o trânsito, não é, entre essa revoadada de sindicalistas, trabalhadores que entravam na cena pública e setores médios da população, a imprensa, tudo isso. Foi uma contribuição acho que bastante interessante. E aí então, os arquitetos tiveram um papel importante, eu acredito. Lógico que eu estou defendendo o meu, mas... a Federação teve uma trajetória de participação, de peitar, inclusive, não é, num momento que não era... não era rotineiro. Então. Eu fico na Federação até 88. Mas, antes de 88, tem um pequeno intervalo aí, que é em 86, que eu me elegi deputada estadual.

M.M. – Mas vamos voltar um pouquinho, para você falar do PT.

C.A. – Isso. Para o PT. Então o PT, o que é que aconteceu?

M.M. – Como é que foi esse contato com o Lula?

C.A. – É. O Lula eu conheci em 77. Que me odiava, porque eu era da LIBELU, que mandou queimar uns panfletos meus e tal, que não sei o quê. Mas o Lula sempre teve aquele negócio de ficar olhando e falar – pô, mas está aqui, está com a gente, está não sei o quê – não é, então ele... Mas a gente não tinha muito contato em 77. Em 78, que eu comecei a frequentar mais os fóruns inter-sindicais e fui para São Bernardo também e tal, conheci um pouco mais. Mas, de conversar mesmo, conversar, conversar com ele mais, foi em 81, quando constituiu a Pro-CUT, porque ele fazia parte da Pro-CUT também. Então, a gente fez uma batalha conjunta muito *legal*, construímos a Pro-CUT, e foi muito importante. De lá para cá é que a gente tem um contato mais... foi crescendo, não é, uma aproximação e... É isso. Então, o PT. O PT, evidente, era uma realidade...

M.M. – Nova.

C.A. – Estava todo mundo vendo o que está acontecendo. A minha organização caracterizou que o PT era uma correia de transmissão... Não. Um pilar de sustentação da ditadura militar, num primeiro momento; num segundo momento, que era correia de transmissão da burguesia; e num terceiro momento, que era um partido operário com curso à esquerda. E aí nós entramos no PT. Mas o PT ainda não estava formado. Então, na legalização... Por muitos anos, eu paguei um preço muito alto, porque sempre me era cobrado (não ter sido) lá no primeiro momento, não é. Mas quando foi a legalização do partido, quando teve a batalha de ir de casa em casa para filiar, eu já estava...

M.M. – Particpei muito disso. Aquela coisa de você arrumar aqueles papezinhos e arrumando pessoas para se filiar.

C.A. – Exatamente. Aí, eu já estava. E eu fui presidenta do PT da Consolação, que é um bairro central da cidade de São Paulo. Eu fui presidenta, primeiro, acho que foi provisória, que a gente conseguiu os filiados, depois, eu fiquei por mais um tempinho. E depois... Aí teve uma disputa grande no PT Consolação. Fica mais local. No diretório estadual, teve uma disputa, quem é que fica no PT do centro, eu perdi a disputa, aí eu fiquei fora de cargos no partido, mas ali. Como o meu grupo estava militando no partido, eu estava lá, não é.

M.M. – Mas você era de uma tendência, não é? Que era essa tendência...

C.A. – É. Da tendência... o trabalho, não é. Bom. Aí eu fiquei todo esse tempo participando das plenárias sindicais do partido, tenho proximidade com todos os dirigentes sindicais do partido, não é, todo esse tempo. E depois, 86, eu me candidatei, fui eleita deputada estadual.

M.M. – Você não foi candidata na eleição de 82?

C.A. – Eu fui candidata. Desculpa. Esqueci. Quando a gente não é eleita não lembra. Eu não fui eleita, mas eu quase fui eleita. [ri] Eu fiquei bem pertinho.

M.M. – Você se candidatou nas eleições de 82.

C.A. – Eu me candidatei para deputada... Na realidade, o grupo queria que eu fosse deputada federal, em 82. Mas a Constituição da época não permitia, porque eu não sou nascida no Brasil. Então eu...

M.M. – Mas você não era naturalizada?

C.A. – Sim. Não. Mas, na época, você tinha que ser nascida, você tinha que ser brasileira nata.

M.M. – Ah! Mesmo que você...

C.A. – É. Só podia ser deputada estadual. Vereador e deputado estadual. Deputado federal não. Depois, a Constituição restringiu só para alguns cargos, pouquíssimos cargos. Você não pode ser diplomata, presidente da República, com certeza não, e tudo aquilo que leva à presidência, não é, presidente do Congresso, presidente do STF, essas coisas. Então. Aí eu fui candidata a deputada estadual. Aquela eleição era bárbara, não é, aquele programa de televisão: ex-isso, ex-aquilo, ex-aquilo, presa, não sei o quê, tal, tal... Lembra da campanha na televisão? Mas foi um negócio bem *legal* aquilo, não é. Em 82. Depois, em 86, fui eleita...

M.M. – Essa decisão de você se candidatar foi uma decisão?...

C.A. – Da corrente. Da corrente.

M.M. – Mas você entrou pela legenda do PT.

C.A. – Claro. Só podia ser. Não. O partido... Primeiro... enfim, a Corrente achou que a gente tinha que ter candidatura. Ao achar que tinha que ter candidatura, escolheu a mim, a Tita Dias e ao Josimar Melo. Eu e o Josimar seríamos federais e a Tita, estadual. Mas aí, teve esse

problema da legislação, fiquei eu... eu e a Tita, estaduais. No fim, quem estourou de voto fui eu. Estourou... assim, comparando com o Josimar e com a Tita, não é.

A. F. – Quantos você fez? Você lembra?

C.A. – Vinte mil. Em volta de vinte mil. Um pouquinho mais, um pouquinho menos.

M.M. – Teve uma boa...

C.A. – Na época, era bastante voto. Mas não me elegi. Depois, em 86, eu me elegi. E foi um mandato muito *legal*. Quer dizer, eu gosto. Eu sinto que todo mundo gosta porque todo mundo, da mesma maneira como acham que eu fui presidente de sindicato dos arquitetos, todo mundo acha que eu fiz dois mandatos. Eu acho tão engraçado. Todo mundo fala: mas você foi dois mandatos? Não. Fui só eu. Aí eu fico feliz das pessoas terem um registro de que eu fui dois, não é. [ri] Pode ser que tenha feito tanto barulho que... Mas foi um privilégio, porque eu fui constituinte estadual... Eu fui líder do PT na Constituinte estadual. Quer dizer, eu acho que eu... Ninguém que... Naquele momento, aquilo era muito importante para mim, evidentemente; eu fui eleita, me dediquei muito a esse trabalho. Acho que ninguém pode almejar uma coisa melhor do que isso, você ser líder do teu partido na Constituinte do estado. Foi uma coisa bem *legal*. Fui também presidenta da Comissão de Relações de Trabalho, na Assembléia, e... Enfim, fiz e desfiz o que eu podia, não é, o que eu sabia e o que eu não sabia também.

M.M. – E como é que foi essa experiência parlamentar?

C.A. – Eu gostei muito. Foi uma experiência difícil mas muito rica, porque o período ajudou muito, sabe.

M.M. – Era uma conjuntura de muita abertura, de muita discussão.

C.A. – É, era uma conjuntura onde as coisas ainda estavam aflorando ainda, vindo assim, não é. E o Quércio, governador Quércio, em coisas significativas, ele foi muito pouco hábil. Então teve uma mobilização muito grande, não é, porque tinha aquela baita inflação, a luta pelo gatilho, o gatilho, e aconteceu assim uma movimentação muito grande, que amadureceu muito todos nós. E eu acho que a bancada do PT fez bonito, com os referenciais que a gente tinha naquela época, com as expectativas que a gente tinha naquela época. E, para mim foi um mundo novo, eu aprendi muita coisa. Paralelamente, eu estava vivendo um processo político

muito forte, porque foi o período que a OSI rachou. Então o racha, dá para dizer quase que foi gestado durante a minha campanha. Eu pirava, não é, porque eu não...

M.M. – Uma confusão danada.

C.A. – Estava uma baita confusão, a gente tem um desentendimento político muito grande, não é, na política da organização; e no final, teve congresso em junho, se não me engano foi junho de 1987, logo depois que... eu tinha três meses de mandato, quando foi o congresso do racha. De lá para cá, eu...

A. F. – E no racha, aí, tinha esse bloco majoritário, que decidia a dissolução da Corrente.

C.A. – É. Não sei nem se era majoritário, acho que era meio a meio. Mas a gente... A gente tinha uma convicção, que era a seguinte. Se nós acreditamos que o partido é o partido dos trabalhadores e que vai conduzir as mudanças do país, nós não podemos ter um partido dentro do partido, não podemos prosseguir tendo... E eu falava que eu não agüentava mais viver com um pé em cada canoa, não é. Eu tinha que costurar duas disciplinas. Isso é impossível. Você não consegue fazer isso. A não ser que você esteja numa missão, não é, tipo... Acho que tem missões onde você não se identifica, aí é possível, porque você está cumprindo a missão de um grupo ou de uma agência de inteligência ou alguma coisa assim, onde você não se identifica, então tudo é possível.

M.M. – Converge numa direção.

C.A. – É. Agora, numa vida pública, você ter duas...

M.M. – Dois senhores quase. Duas orientações.

C.A. – É, é quase isso. Duas lealdades. Na realidade são duas lealdades. Porque duas orientações, a gente quebra o galho, resolve e tal, discute com um, discute com outro. Mas, duas lealdades. É exatamente isso. Que foi a definição até, na conversa que eu e o Glauco tivemos com o presidente Lula, presidente do partido na época, quando começou uma queimação dentro do partido, que eu suponho que veio dos companheiros que a gente rachou, dizendo que a gente tinha formado uma outra organização mas estava se escondendo. Então eu e o Glauco, nós procuramos o Lula e conversamos longamente com ele. Eu me lembro, fomos almoçar num lugar, nós três, e o Lula falou assim: “A única coisa que eu não admito é dupla lealdade.” E aí nós dissemos a ele, é exatamente isso que a gente não estava conseguindo

mais conviver. Então foi uma... Não dá para dizer que a gente rompeu por causa de uma questão na linha política, uma proposta mais acolá que... Não. Era, efetivamente, aonde está a tua pertinência, não é. Então, foi isso, a gente rompeu e... e foi muito duro. De um lado, para mim, foi muito duro porque companheiros com quem eu militei anos e anos, uma irmandade muito forte, quase não me cumprimentavam e, ao mesmo tempo, o PT não confiava totalmente em mim. O PT ficava com... ficava assim... sempre era aquela que não entrou na fundação, aquela que... sei lá por quê. Então, foi um momento muito duro mas acho que muito bom para minha vida, de amadurecimento, e que eu... Quer dizer, eu vinha vindo numa trajetória de presença pública, não é, uma figura já bastante conhecida, de uma certa maneira, então, para mim, cada coisa que eu fazia, cada coisa que eu falava tinha um... imediatamente tinha um preço, não é, tinha uma... A responsabilidade, eu acho que é um pouco maior, quando você...

A. F. –Deixa eu aproveitar para perguntar um pouco mais. Você está falando no negócio do racha e tal. Essa coisa da LIBELU. Eu acho que também, nessa história, tinha um estigma que se criou em torno da LIBELU, uma imagem, não é?

C.A. – Muito injusta, inclusive.

A. F. –É. Eu queria que você falasse um pouco sobre isso. E até porque você, em 78, você tinha trinta anos, quer dizer, você era comparativamente madura em relação também a essa imagem que... Eu lembro de ver em revistas da época a imagem...

C.A. – É. Gente de havaiana e de cabelo comprido e tal.

A. F. –É. Como uma coisa meio adolescente.

C.A. – É. Não. Eu, de fato... Mas aí não era eu, eu era, talvez, uma das mais velhas na LIBELU. Mas eu acho que tem uma coisa, que é o seguinte. Primeiro. Nossa corrente atuou...

M.M. – Esse nome é um nome muito engraçado, LIBELU.

C.A. – Mas sabe o porquê, não é? Porque teve a chapa Liberdade e Luta. Na universidade, eu nunca fui da Liberdade e Luta, da corrente estudantil. Nunca. Porque ela foi criada depois que eu me formei, inclusive. Mas eu sou a LIBELU símbolo. Quer dizer, todo mundo... a LIBELU, até hoje. Até hoje, se passar aqui um ou dos companheiros que foram da organização, a gente está falando aqui no mezanino, já vai passar alguém, já parece que... Se juntar trinta da ALN, ninguém fala nada; do MEP, de não sei o quê. Juntou três LIBELU,

pronto, já tem aqueles olhares, aquela coisa estranha, não é. Mas... Olhares não. Comentários mesmo, que são brincalhões mas... enfim, nós sabemos, toda brincadeira traz uma idéia. O que eu queria ressaltar aqui, que eu acho que é muito importante, mas muito, muito importante para a memória do PT, e para a minha também e para todos nós, é o seguinte. Nossa corrente no PT nunca se aliou com as outras correntes.

M.M. – É. Ela tinha uma trajetória muito específica, não é.

C.A. – É. Mas por quê? Porque nós defendíamos... Um dos embates muito grande que teve no começo do PT é se era partido de massa ou partido de quadros. Eu não quero ser injusta, porque eu não conhecia detalhadamente cada uma das correntes, mas pelas figuras que eu via defender e tudo, uma boa parte das correntes, dos grupos que já existiam antes do PT, defendia partido de quadros. Nós defendíamos o partido de massa. Isso, desde o primeiro dia. Desde o primeiro dia que a gente se alinhou, era para isso, porque senão eu ficava com minha organização. Vai fazer um grupo de quadros, não é, então fico com a minha. Não fazia sentido ter uma adesão, a não ser exatamente pela qualidade que representava o Partido dos Trabalhadores como uma primeira organização de massa com esse porte e que efetivamente poderia conduzir uma parcela importante da sociedade brasileira pela sua democratização política, social, econômica. Quer dizer, acho que fundamentalmente, eu creio que isso era um diferencial importante. E isso nos aproximou, evidentemente, muito dos sindicalistas. Nós tivemos uma convivência muito boa. Embora com todos os preconceitos e briguinhas e piadas e brincadeiras e não sei o quê, nós privamos de uma relação muito forte com os companheiros do movimento sindical, pelas nossas posições e também por que tínhamos quadros no movimento sindical que compartilharam momentos muito difíceis. O caso da Tita, por exemplo. A Tita, ex-bancária, companheira que também foi vereadora e tal, mas ela... a greve dos bancários em 78, a luta contra o pelego que estava no Sindicato dos Bancários... Foi um momento. A gente sempre falava, é metalúrgicos no ABC e bancários em São Paulo. Eram as referências nacionais.

M.M. – As duas grandes forças.

C.A. – É. Gushiken, a Tita tiveram um papel muito importante. Embora o Gushiken teve uma permanência muito curta na organização. Isso por que ele, desde o primeiro momento, apontou que quem não vai para o PT está fora das idéias. E ele, no momento da definição, aquela primeira, não é, de pilar de sustentação da ditadura e tal, ele...

M.M. – Saiu fora.

C.A. – Saiu fora. E até hoje chamam ele de LIBELU. Quer dizer, isso é inacreditável também. Mas tudo bem. Então, eu acredito que, do ponto de vista das posições de grupos de esquerda, de correntes que constituíram o PT, nós temos esse diferencial muito preciso; e sempre tivemos uma aposta e uma confiança muito grande na liderança do Lula, quer dizer, como um verdadeiro líder do... Depois de chamar ele de neopelego e tudo isso, que foi a primeira fase...

A. F. –Essa etapa foi curtíssima, não é.

C.A. – É. Mas ele, até hoje, ele me cobra isso. Entre outras coisas, porque o artigo que fala que ele é o neopelego fui eu que escrevi, não é. [risos]Então... Se não escrevi, ajudei a escrever, evidentemente. Bom. Então, para nossa reconstituição histórica, eu acho que isso é muito importante, o papel da nossa corrente nessa direção. E também, enfim, em inúmeros momentos do partido, a gente se alinhou com posições que permitiram... na minha opinião, somada a todos os outros companheiros, os sindicalistas, o pessoal mais da base da Igreja, a gente estava sempre mais próximos deles do que das organizações tradicionais da esquerda.

M.M. – Vocês não tinham muitas afinidades com essas outras correntes dentro do partido.

C.A. – Não, não tínhamos. Quer dizer, com o pessoal... uma parte dos... os que se reivindicam no trotskismo também, nem conversar, porque, na filiação internacional, a gente chama eles de liquidadores.

[FIM DA FITA 1]

M.M. – Continuamos.

C.A. – Eu estava falando, acho que isso é muito importante. A gente teve uma proximidade muito grande, uma confiança muito grande no líder Lula, não é, naquele momento, e no papel que ele poderia desempenhar... vamos dizer, na verdade, reordenar o país.

Que é isso, de fato, o que aconteceu. Não que a gente fosse visionário nem nada, mas acho que era o bem mais razoável. A gente tinha uma versão com... vice-versa, com os outros grupos que se autodenominavam trotskistas como nós, não tínhamos diálogo com eles, e com os ex-stalinistas, muito mais. Então, de fato, a nossa interlocução e que a gente buscava nos que iriam, não é... Por exemplo, quando foi criada a articulação dos cento e treze, não é, eu fui lá, falei com o Devanir Ribeiro, pedir para assinar, ele não deixou. Falei assim: “Mas eu concordo com isso. Eu quero ser signatária do 113.” Ele não me deixou. Daí se abriu também um diálogo de muito tempo, até que os companheiros e as companheiros tiveram uma confiança maior nas pessoas, como eu, que tinham rachado. O quê mais?

A. F. – Vocês tinham também uma vinculação internacional.

C.A. – Tínhamos.

A. F. – Esse debate sobre o PT, sobre o caráter do PT e tal, até que ponto ele envolvia ou estava vinculação a essa vinculação internacional de vocês?

C.A. – A liderança da nossa organização internacional caracterizava o PT como o principal fenômeno político organizativo da classe trabalhadora no planeta Terra. Tanto é que depois, acredito eu que de uma maneira equivocada e meio estigmatizada, o pessoal começou a colocar como proposta criar partidos dos trabalhadores em qualquer lugar do mundo ou em vários lugares do mundo. Então foi uma aposta e foi uma discussão internacional a decisão de entrar... Primeiro teve uma decisão de que dez por cento da Organização entrou no PT. Que era o chamado *entrismo*. Então entrou, aí, sim, uma espécie de fingimento, não é, de que tinha saído da LIBELU e... o chamado *entrismo*. Mas isso foi no comecinho, naquele começo, quando a gente caracterizava erroneamente. Mas tudo isso foi debatido em associação, vamos dizer, com os companheiros da direção internacional. Isso foi o tema. Mas o que é *legal*, eu

acho que, para mim, o que foi importante –, não entrando nas firulas, não é, porque não vale a pena – mas, o que foi importante para mim é que teve uma detecção da importância desse fenômeno do Partido dos Trabalhadores, das suas lideranças e do fato de que... e toda essa qualidade, enquanto partido de massa. Por isso que... tem todo o resto do debate.

A. F. –E do grupo que constituiu a OSI no Brasil, quem tinha mais essa conexão com a internacional? Porque nem todo mundo... Vocês estavam vindo de militância local e tal...

C.A. – Não. A Organização era filiada internacionalmente. Então, todo mundo que era da OSI...

A. F. –Eu sei. Mas, quando ela é constituída, das pessoas que constituem, quem é que já tinha um contato. Como é que surge essa conexão internacional? Já na formação?

C.A. – Ah! Não. O Primeiro de Maio já era internacional. E ele unifica vários grupos que já são também. Tem a OMB – Organização Marxista Brasileira, que era vinculada ao pessoal da França, tem a Fração Bolchevique Trotskista ou Trotskista dos Trabalhadores – não sei, do Rio Grande do Sul, que já era, tem o pessoal da OMO, que é o pessoal do Skromov, que, depois, ele saiu de novo e tal. OMO, OMB, Fração e Primeiro de Maio. Não me lembro mais. Deve ter mais alguma coisa mas que eu não me lembro. Então são todos, todos já vêm de filiação internacional. Ou filiação ou identificação, vinculação, diálogo, colóquio, sei lá, qualquer coisa. Todas têm uma identificação com a Quarta Internacional. E lá, especificamente, Quarta Internacional/CIR – Centro Internacional de Reconstrução. É isso.

M.M. – Bom. E aí, tem o racha, você se separa definitivamente desses grupos trotskistas e você vai então se engajar de corpo e alma no PT.

C.A. – Não. Espera aí. É injusto o que você está dizendo. [ri] É muito injusto.

M.M. – Eu concordo.

C.A. – Eu já estou engajada de corpo e alma no PT. *Mucho* de corpo e *mucho* de alma. *Mucho, mucho* mesmo. Apenas com uma visão ambígua de dupla pertinência, mas de igualmente dedicação.

M.M. – Pois é. Mas agora... quer dizer, essa ambigüidade muda um pouco...

C.A. – Não. Aí, a ambigüidade passa a ser um estorvo para mim, eu me defino. Mas não que eu fosse menos...

M.M. – De qualquer maneira, é uma posição diferente agora.

C.A. – Não. É claro. Tudo bem.

M.M. – Claro, não é. É nesse sentido.

C.A. – Mas é que eu achei que você reduziu um pouco assim o meu fervor petista. [risos]

M.M. – Não. O que eu estou querendo dizer é que, a partir desse momento, essa ambigüidade e essa dupla pertinência muda, isso muda a sua relação com o PT.

C.A. – Claro. Pelo menos eu tentava muito. E o PT não me deu muita chance no começo. Mas depois foi melhorando. Tanto é que... enfim, fui eleita líder da bancada em 89. Quando a Luíza saiu candidata para prefeita, eu fiquei líder...

M.M. – Você teve uma participação importante na campanha da Luíza Erundina.

C.A. – Não.

M.M. – Não?

C.A. – Não. Porque eu era líder da bancada. Eu era vice-líder. Ela saiu para a campanha, eu era líder, então eu segurava o rojão lá dentro. Eu fiz muita coisa, mas era muito mais como...

Líder tem um pouco de prisão, não é. Eu fiz um pouquinho para Campinas, eu fiz... Por exemplo, como eu, como deputada, tinha que acompanhar a região de Campinas e a região de Ribeirão Preto, eu tive mais participação na campanha do Jacob Bittar, do Pivato, em Cosmópolis... Aliás, até pouco tempo, eu era madrinha da cidade, porque foi um negócio lindo. Foi todo mundo festejar com o Jacob. Eu peguei o carro, fui para lá, para Cosmópolis. Foi uma festa... Que até agora está lá, não é, o Pivato. É o rei de Cosmópolis. [ri] Que gracinha. É um ótimo ser humano e um ótimo prefeito. Então, ali, eu mais me dediquei às campanhas da região de Campinas e da região de Ribeirão Preto, que era a minha tarefa na bancada, e, além disso, dar as tarefas de líder. E depois, em 89, é a campanha do Lula. E aí também... mas é quase o mesmo processo. Eu fechei meu gabinete, mandei todo mundo ajudar na campanha. Fechei é modo de dizer, não é. Eu esvaziei toda e qualquer atividade de Clara deputada e fiquei só como líder. E como era constituinte, constituinte estadual, o Mentor era o meu vice... o vice-líder da bancada, não o meu vice, e a gente segurava as coisas lá dentro e os outros oito iam para a campanha. É uma maneira, claro, de você fazer a campanha, liberar os outros, não é. Mas foi mais ou menos assim. 89, 90, 91... 91, acaba o meu mandato. Acaba o meu mandato, aí o Lula me convidou para ser assessora dele. Aí começa esse novo capítulo da minha vida, que está muito ligado... tem períodos diferentes...

A. F. – Você não concorreu a um novo mandato?

C.A. – Concorri. E perdi. Concorri a deputada federal.

A. F. – Ah, a federal.

C.A. – É. Também tive uma boa votação. Tive pouco mais de vinte mil votos. Fiquei quarta suplente. Ninguém foi eleito prefeito, ninguém morreu, ninguém caiu e ninguém se licenciou, portanto não...

A. F. – Não teve...

C.A. – É. Mas, enfim, foi uma campanha interessante. Porque os que se elegeram... É coisa de consolo, não é, mas... os que se elegeram, é o que a gente chama as feras do PT, não é, então... era uma disputa, eu sabia que era uma disputa difícil. Eu sabia que era uma disputa muito difícil.

A. F. – Mudou o perfil, não é.

C.A. – É. E eu até fazia campanha para eles também, porque eu achava justo. Eu falava assim: se não votar em mim, vota no Mercadante, vota no José Dirceu, vota... Era a turminha do Lula ali, que eu recomendava para quem achar melhor e tal. Enfim, aquelas coisas de campanha, não é. O Plínio era o candidato. Eu, como eu era candidata e... Enfim... O Plínio era candidato a governador, não é. Acompanhei muito a campanha dele. Eu fiz... Eu sempre tive... Isso é uma coisa que é minha. Eu sempre tive uma postura assim uma postura partidária. Claro que eu fazia a minha campanha, tal, mas eu estava sempre sintonizada com a agenda do governador, com as coisas que o partido fazia. Sempre. Era uma coisa que estava na minha cabeça. E... Nossa! Tanta coisa que está vindo na minha cabeça. Vocês não podem imaginar.

A. F. – Aí, em 91, você...

C.A. – 91, o Lula me convidou para ser assessora dele...

M.M. – Como é que foi isso?

C.A. – E eu voltei para dar aula na PUC, não é, em 91. Eu fiz as duas coisas. Porque eu dava aula uma vez por semana na PUC de Campinas. Eu voltei porque tinha me licenciado...

M.M. – Mas aí a Unicamp, você...

C.A. – Não. PUC de Campinas. Nunca foi Unicamp. Sempre foi PUC de Campinas. Porque a Unicamp, na época, não tinha arquitetura. E eu, como eu não fiz licenciatura, só posso dar aula em arquitetura mesmo. Então. Como é que foi a história do Lula? Então. Esses anos todos, cada vez foi ficando mais fluente, vamos dizer, o nosso diálogo, nossas conversas. Eu fui deputada quando ele foi deputado, a gente conversava sobre coisas daqui e de lá, tal...

A. F. – Você foi da Executiva Nacional também?

C.A. – Depois. Depois. Aí eu fui... Ele... Não sei se por gratidão... Porque era assim. Ele convidou eu e o Gumercindo. O Gumercindo foi líder aqui e eu fui líder lá. Aqui, que eu falo, Brasília. Nenhum dos dois foi eleito, não é. [ri] Então... Não sei se foi assim... coitadinhos, não se elegeram e tal, e foram líderes, se sacrificaram pelo partido... Sei lá. Além das nossas qualidades, evidentemente. Aí ele convidou os dois. Mas aconteceu uma coisa que... A Executiva avaliou que não tinha dinheiro para contratar dois assessores. Olhe só. E aí ele optou. Tinha que optar por um só, ele me convidou. Essa é a história que o companheiro Perseu Abramo me relatou. Eu fui lá, comecei a assessorá-lo...

M.M. – Como era esse trabalho?

C.A. – Ah! isso é fantástico.

M.M. – Porque esse é um momento difícil, não é. Porque a campanha de 89, aquela derrota horrorosa, aquela tristeza horrorosa, para qualquer petista...

C.A. – Isso. Aquilo foi barra. Em 91, eu comecei a trabalhar lá, era assim: o presidente nacional do partido tinha uma assessora... Só. [risos] Porque ele... Não. E era um negócio complicado. Porque antes, como ele era deputado, a equipe, o *staff* de deputado sempre dá uma força e tal; aí, de repente, ele chega lá no partido, não tem...

M.M. – Estrutura nenhuma.

C.A. – Não tem estrutura nenhuma. É claro que o companheiro Perseu, como primeiro-secretário, ele fazia um papel importante de fazer todo o escudo para ele, não é, o escudo, vamos dizer, da... O Perseu fazia, arrumava a casa, tudo. Mas era pouquíssima coisa que a gente tinha. Então, o que é que a gente fazia naquele 91? Por exemplo, eu lembro a primeira atividade que eu fui com ele, que eu fiquei impressionadíssima, foi o lançamento do abaixo-assinado da emenda popular do Fundo Nacional da Moradia. Que ainda não foi regulamentado, não é. [ri] Mas, foi num colégio, num anfiteatro assim, Marieta, um colégio que tem, grande assim, o anfiteatro cheio, e eu fui com ele. Aí, quando a gente entrou, todo mundo em pé, e cantou olé, olé, olá, eu falei, gente... Porque quando você está ali, está por ali circulando, ou aqui no Palácio, como a gente fica, tal, você não capta isso, não é. Eu falei, nossa! Que coisa mais impressionante. Mas de arrepiar, não é. E então era assim. Eu ia com ele em alguns lugares, eu fazia... Uma lição muito grande que eu tive. Eu lia toda a correspondência dele, não é. Aí eu fiz um critério de classificação das cartas e fiz uns modelitos; e aí tinha uma secretária que adaptava. E o Lula exigia que a gente respondesse tudo e respondesse alguma coisa do que a pessoa escreveu, para a pessoa saber que a carta dela foi lida. E ele lia muitas, tal, assinava a resposta e tal...

M.M. – E esse arquivo está onde?

C.A. – Deve estar tudo na Fundação.

M.M. – Já está na Fundação.

C.A. – É. Acho que está tudo na Fundação. Tinha umas meninas que queriam fazer um livro, depois, elas desistiram. Não sei onde está essas coisas.

M.M. – Isso é uma fonte histórica fenomenal.

C.A. – É. Não. Isso foi demais. Ali tinha carta assim... É. Isso aí é um outro capítulo. Então. Aí a gente... enfim, eu trabalhava... Formalmente, só tinha eu de assessora, mas muita gente ajudava, muita gente que ajudava com temas, com... Gente que não estava na máquina, vamos dizer, do partido. Uma colaboração bem grande de muita gente. Companheiros, não é. Do tema que a gente precisasse, a gente sempre achava alguém para ajudar, tal. E então...

M.M. – Mas qual era a estratégia política?

C.A. – Em 91?

M.M. – É.

C.A. – 91... Deixa ver se eu me lembro. Acho que 91 estava um pouco difícil. É. Não me lembro. Porque 92, já teve eleições municipais, não é, então aí foi um reordenamento para as eleições municipais, que foi importante, não é, porque foi a... Foi importante. De um lado, nós ganhamos várias prefeituras importantes, mas perdemos São Paulo. Perdemos São Paulo.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

C.A. – Ela perguntou para mim qual era a estratégia em 91. E ela mesma respondeu. Acho que era mais de sobrevivência, não é. A situação era difícil. *(Entra alguém oferecendo um lanche.)*

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

M.M. – Vamos retomar nossa conversa nesse ponto da correspondência que o Lula recebeu nos anos de 91, 92, 93, que você organizou.

C.A. – Até 2006. [ri]

M.M. – Mas esse momento aí. Você ainda se ocupa disso?

C.A. – Não! Pelo amor de Deus. Foi só até 94.

M.M. – E como é que era essa correspondência?

C.A. – O Lula, ele era visto, na minha opinião... Eu deduzo isso pelo que eu li nas cartas, não é. Eu li muitas, eu li milhares de cartas. Ele era visto como uma espécie de suplente do Collor ou vice do Collor ou alguém que na ausência de um, ele resolveria. Então ele era visto como autoridade nacional, com estatura máxima. É assim que o Lula era visto. Tanto é, por exemplo, que tem gente que mandava a carta, botava assim – Lula – no envelope, e colocava na caixa do correio. E o correio entregava aqui na liderança, em Brasília; e a liderança mandava para nós lá no PT. Então, uma pessoa... Tem duas, três pessoas que isso acontece, não é. Na época, era o Pelé. Você manda uma carta escrito Pelé, chega nele. O Guga, deve ser assim. Algumas figuras dessas. Mas é impressionante. Você escreve Lula, não põe nada, não põe endereço, não põe nada, as cartas chegavam. *(Entra alguém.)*

– Acharam as armas do Exército.

C.A. – Todas? Que pena. Desculpe. Imagino que é o que o Rio de Janeiro deve estar pensando, não é? Que pena. [risos]

– Abriram com isso e fecharam com o anúncio do PSDB, e no meio, geleiras argentinas.

C.A. – Você está indo embora?

– Não. Estou indo para...

C.A. – Tem uma reunião? Qual é a reunião agora? É Uruguai? Uruguai já foi?

– Uruguai já foi. Do Luis Marinho, que vai ter continuidade agora.

C.A. – Ah! O Gaba está lá, na sala de espera. Está sabendo?

– É. Já falei com ele hoje.

C.A. – Está bom. Tchau. Então. Ele era visto. Então, ele recebia cartas desde um reconhecimento, de um afeto desinteressado até propostas de modificação do Brasil de A a Z, com todas... Assim. Propostas muito imaginativas mas, a maioria, irrealizáveis. Mas de gente de muito boa-fé, que queria ajudar, não é. Acreditando sempre que o Lula tem esse poder, que ele tem o poder de implementar propostas. Enfim, recebia também, obviamente, como qualquer personalidade pública recebe, cartas pedindo algumas... interesses materiais legítimos, de pessoas muito humildes, muito pobres, necessitadas, e que a gente respondia, explicando que não tinha como atender. Então essa correspondência, um pessoal queria fazer um livro, mas não vingou essa idéia. Mas é muito interessante.

M.M. – Está lá na Perseu Abramo?

C.A. – Acho que está lá. Ou no Instituto.

A. F. –Acho que está no Instituto da Cidadania.

C.A. – Mas tinha uma caixa enorme.

A. F. –A gente ajudou a organizar.

C.A. – Mas aquela caixa, a caixa que eu vi assim, era da época da campanha de 94. Mas deve ter caixas e caixas. Aqui é tudo organizadinho. Aqui, tem um departamento específico que organiza isso. São milhares de cartas, não é.

A. F. –Clara, e também foi o período do governo paralelo, inicialmente, não é.

C.A. – É. Então... Não. O governo...

A. F. – Você entrou em 91, na verdade.

C.A. – Não. O governo paralelo existiu, naquele tempo, mas ele... Quando é que o Collor é cassado? 92, não é?

A. F. –92.

C.A. – Então. No momento que o Collor é cassado, já deixa de existir enquanto tal, passa a ser Instituto de Cidadania. Porque...

A. F. –Mas quando você entrou na assessoria do Lula ainda existia.

C.A. – Sim. Mas no partido. Não no governo paralelo.

A. F. –Ah! Certo.

M.M. – Espera aí. Vamos com calma. Tem muita coisa aqui para a gente perguntar. Então tem, você mencionou, o problema das eleições de 94. A criação do Instituto da Cidadania foi depois das eleições municipais?

C.A. – Não. Eu não disse isso.

M.M. – Não. Eu estou te perguntando.

C.A. – Eu disse o seguinte. Quando o Collor ganhou a eleição, o Lula propôs a todas as forças que participaram do palanque do segundo turno que se forme um governo paralelo nos moldes do *shadow cabinet*, não é, da... Infelizmente, as pessoas não aceitaram. É legítimo. Foram disputar o seu lugar. Como quem diz, na próxima eleição, vamos tentar ser nós, e não você. Quer dizer, cada um foi cuidar do seu. Mas o Lula construiu o chamado governo paralelo, com ministros paralelos; o Barelli coordenava aquilo, tinha o José Gomes, tinha o Cristóvam... Não lembro todos, mas, enfim, isso está registrado. E trabalhou na elaboração de projetos, tal. Nessa fase, quando se chamava governo paralelo, eu não participei. Eu participava, de 91 em diante, mais especificamente, dia 13 de maio de 91 em diante, da estrutura do partido.

A. F. –Quer dizer, você era assessora do Lula na presidência do partido.

C.A. – Na presidência do partido. Exatamente. Bom. Em 93... 92, tem as eleições, em 93 sai a primeira caravana da cidadania.

M.M. – Como eram essas caravanas?

C.A. – Então. A caravana da cidadania, ela tinha... A primeira, como eu te disse, a gente não chamava de primeira porque não sabia que ia ser...

M.M. – Não sabia se ia ter outras.

C.A. – Não. Não sabia. Foi uma tentativa. A idéia, era uma idéia que foi amadurecida entre o Ricardo Kotscho e o presidente Lula, ela foi a idéia de refazer o caminho dele de retirante, de Garanhuns até o Guarujá, no distrito de Vicente de Carvalho onde ele morou, quando chegou no estado de São Paulo. Essa era a idéia. Essa caravana veio, fez mais ou menos o mesmo caminho, atravessou vários estados do Nordeste, o Vale do Jequitinhonha, o estado do Rio, o estado de São Paulo até lá. Ela tinha um trabalho que era de preparação em loco e tal, que era uma equipe da qual eu não participava, tinha a parte da imprensa, tudo, que o Kotscho coordenava, e a parte de preparação de subsídios era eu que fazia. Eu que fiz. E depois, eu que fazia. Eu que fiz para aquela; e depois, eu que fiz para quase todas, enquanto estava lá. Era um trabalho muito *legal*. Gente, lembrem-se: não tinha Internet. Você entrava no IBGE via Alternex. E aí, você não conseguia entrar no censo de 91 porque ainda não estava, então você entrava no censo de 80; então, era a mesma coisa que nada. Então tinha que ir lá no IBGE, tinha que catar as coisas, município por município, tal. Então nós...

M.M. – Você preparava esse material, para municimar o Lula dessas informações.

C.A. – Isso. Então eu fazia assim, uma pasta para cada município, uma pasta para cada tema, uma pasta para cada estado. E... É isso. Uma pastinha para cada coisa. Ele tinha um arquivinho, aqueles arquivos suspensos, que hoje tem de plástico, na época era de ferro, de aço,

tinha tudo lá no ônibus. Era ele e a dona Mariza. Dona Mariza organizava, tal, ele acabava de usar, ia para o arquivo morto. [ri] E os mapas. Muitos mapas. Eu lembro que eu fiz o mapa dos poços. Foi na época do poço do Inocêncio de Oliveira, a caravana. Tinha um amigo que tinha trabalhado uma região grande do Nordeste, tal, ele me trouxe umas informações super importantes, tal. Fizemos um monte de mapas. O Lula adora mapas. É vidrado em mapas. Então fizemos um monte de mapas, tal. E então era isso, era...

M.M. – Você ia na caravana também.

C.A. – Não. Eu não ia.

M.M. – Você só preparava.

C.A. – Eu preparava. Mas eu fui... Preparei uma, na precursora, fui nela e fiz os materiais, a da Caravana das Águas, que foi emocionante. Foi de Manaus a Belém, descendo o rio Amazonas inteirinho, parando num monte de cidades. Eu me lembro que a parte mais difícil era... Porque é o seguinte. As cidades muito pequenas, que não tinham infra para receber o barco com um monte de gente, e restaurante, não tinha nada disso. Então a gente fez uma cronometragem de tal maneira, que é assim: chegava numa cidade logo cedo, tomava o café da manhã no barco; aí chegava na cidade cedo; a seguinte, logo depois do almoço ou logo antes do almoço, e a gente almoçava no barco; e a última, no anoitecer, porque aí não... meio que não dava... quer dizer, até dava... Eu estou me lembrando agora, chegamos aqui... Ali é diesel, era, muitas cidades, então, às dez, não tinha mais nada, então tinha que chegar cedo, tal. O malabarismo maior, além de outros, foi esse de encaixar, para cobrir três cidades por dia. O que era muito difícil. O barco é lento, tudo isso. Essa eu fiz, vamos dizer, tudo, toda a parte de preparação, a parte de precursora e ela mesma, não é. Foi muito emocionante essa caravana. As seguintes, depois, foi Centro-Oeste, pegou se não me engano a BR-364, um trajeto da BR-

364. Depois, ele fez outro pedaço do Nordeste; depois ele fez as regiões metropolitanas. Ele fez praticamente...acho que não tem um lugar do Brasil que ele não foi, não é, nas caravanas. Então. Aí eu ajudei nas caravanas com esses subsídios, com...

M.M. – E qual era o objetivo dessa caravana? Como é que você traduziria? Era o objetivo de conscientização, de aprendizado, porque ele estaria conhecendo esse Brasil e apreendendo informações...

C.A. – É. O Brasil e os brasileiros.

M.M. – E os brasileiros. E de outro lado também, a presença dele, era uma forma de mobilização política.

C.A. – Claro. Não, aí também... Veja. As caravanas... foram dois, três anos de caravanas, não é, porque, depois, o partido decidiu que os partidos nos estados fariam caravanas, aí convidavam o Lula; fazer uma caravana, vamos dizer, mais detalhada, não é, localmente. Mas o objetivo era assim. Primeiro o Lula ia conhecer, ouvir... Essa parte de ouvir é uma coisa muito importante do perfil dele. Por quê? Como é que a gente organizava? As horas que ele ficava numa cidade, ele, em geral, fazia contato com quase todo o espectro da sociedade. Isso que é *legal*. Então por exemplo, em muitas, se encontrava com o prefeito, até podia visitar, eventualmente, a Câmara, com alguns vereadores, com o movimento sindical, com... em alguns lugares, com os empresários....

[FINAL DA FITA 2-A]

C.A. – (.....) forte com a diversidade social, histórica, física, material. As caravanas eram algo muito forte, muito rico, e que deram a ele, que permitiram que ele tenha uma visão,

um conhecimento do Brasil e dos brasileiros que, eu acredito, até hoje, talvez ele seja o único que tem tudo isso, porque ele, de lá para cá, só vem aprofundando, não é. As campanhas, refaz... Olha, ele fez uma vez o Brasil, quase... não vou dizer inteiro, mas percorreu muito do Brasil, no movimento sindical. Depois, ele fez o Brasil inteiro para construir o PT. Depois ele fez o Brasil inteiro na campanha de 89; depois, ele fez o Brasil inteiro na campanha de 94. Entre 89 e 94, as caravanas. Depois ele fez, em 98... E as campanhas também, de novo, municipais de 88, de 92, em 96, de 2000. Ele está sempre andando o Brasil, não é. Então, é difícil imaginar que tenha algum outro brasileiro que conheça o que ele conhece. E eu sempre faço questão de dizer, o Brasil e os brasileiros. Ele tem um contato muito próximo. Tem episódios. Quando eu cheguei em Roraima, por exemplo, para organizar a caravana, foi uma coisa tão impressionante, ninguém acreditava: eu fui na Central das Indústrias de Roraima – CIR. Eu cheguei lá e dei meu cartão. Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores. Boa-tarde. Vim aqui organizar a caravana, tal, não sei o quê. Acho que a gente poderia fazer um debate sobre a situação do Brasil, aqui, com os empresários. Uma classe empresarial muito pequena, como tudo em Roraima, não é. Mas eles me olhavam, eles não acreditavam. Aí eles falavam: “É, mas aí, quem é que vai estar na mesa?” Falei assim: “Quem vocês quiserem.” “Como?” “E quem vai ser o público?” “Quem vocês convidarem.” Quer dizer, eles não acreditavam, entende. O bicho que eles achavam que era o Lula, o PT e não sei o quê... Então, era uma quebra de tabus, também, muito grande. Agora tem lugares do Brasil que, quando o Lula era anunciado, que ele iria, tinha apostas na cidade, gente que dizia que não... Mobilizava tudo, não é. Nessa Caravana das Águas, por exemplo, várias pessoas vieram falar comigo: “Aqui, só veio o Juscelino Kubitschek, ninguém mais veio aqui. Ninguém olha para nós.” Coisas assim. Quer dizer, criou uma...

M.M. – Essa idéia da caravana foi do Lula? Ou foi uma coisa do partido?

C.A. – Então. Que eu saiba, foi uma conversa... Não. Ele e o Kotscho, uma conversa muito ligada à história dele. O Lula uma vez falou que foi o Kotscho. Acho que foi uma conversa deles. Eu não sei os detalhes. Mas eu acho que foi uma... eu acho não, eu tenho certeza que foi uma intervenção na consciência das pessoas; quem ele visitou, teve um contato, tão importante, com uma figura que depois vira... imagina. O cara virou presidente. Imagina as pessoas que tiveram contato com ele olhando, não é. Poxa, ele esteve aqui. Quer dizer, isso, para as pessoas e para ele, eu acho que para o partido, para... até para a cidadania, eu posso dizer que ajudou muito, não é, ter uma figura que faz esse trajeto. E aí, como eu falei, à medida que o tempo vai passando, as caravanas, teve momentos que a gente teve que se defender demais. Quando se aproximava a eleição, era uma pancadaria, uma crítica, tal. Eleição, palanque, não sei o quê. Em parte, tinha um pouco de sentido, os nossos companheiros candidatos a deputados, a governadores se esbofeteavam para ter um lugarzinho no palanque, tal. [ri] Tudo isso é legítimo, é humano. Mas eu acho que o resultado dessas caravanas, como exemplo de movimentação de político, de uma liderança como é o Lula, acho que foi muito importante. E para mim foi bom porque, às vezes eu sonho, eu acho que estive no lugar, mas eu não estive; é que eu preparei o material. [ri] É muito engraçado.

M.M. – E a criação do Instituto da Cidadania?

C.A. – Então. É o mesmo. Quando o Itamar assume, o governo paralelo deixa de fazer sentido, porque havia diálogo com o Itamar. Então o Lula leva para o Itamar o estudo da segurança alimentar, coordenado pelo José Gomes, o finado pai do Graziano, e... leva para ele, e se extingue o sentido, não é. E aí se passa a operar como instituto. Instituto Cidadania. O da Cidadania é outro instituto. Aconteceu, uma vez, uma coisa muito engraçada. Nós marcamos uma reunião do Conselho do Instituto no mesmo dia que esse Instituto da Cidadania marcou; e o dom Mauro Morelli era membro dos dois. Então começou uma confusão de telefonemas. Aí

que eu descobri que tinha esse Instituto da Cidadania, que, por incrível que pareça, ainda marcou uma reunião no mesmo dia. *Bueno*. Onde estávamos?

A. F. – Você permaneceu na assessoria do Lula como presidente do PT enquanto ele foi presidente do PT.

C.A. – Ah! Aí tem vários intervalos. Aí vamos lá. Voltemos então. Eu fiquei de 91 até 95, mais precisamente, em setembro, por aí, de 95, quando eu fui para a Executiva Nacional. Acho que eu já era da Executiva. Mas eu fui eleita tesoureira nacional do partido.

M.M. – Em 95.

C.A. – 95. Final de 95. De 95 então, até o final da campanha de 98, eu fui tesoureira, respectivamente, do partido e, durante a campanha, fui tesoureira da campanha; mas me afastei da tesouraria do partido. Então fui tesoureira... Mas fui tesoureira nesse período, de setembro, por aí, de 95 até prestação de contas da campanha de 98. Depois, aí eu... Depois da campanha de 98, um grupo de pessoas que eram eu, o Kotscho, o Graziano, o Gilberto Carvalho, o frei Beto, o Julinho de Gramond, que faleceu, a Bete, que participou, também faleceu, participou da campanha, da comunicação da campanha de 98, o Paulo Kamoto, o Paulo Vanuque e... vai faltar algum. Eu me penitenciei, mas... já, já... ou mando para vocês por escrito. Porque acho que eram treze, doze, não sei. Doze. A gente teve três conversas com o Lula e decidimos apoiar ao Bardas, o pessoal do Bardas. Nós decidimos compartilhar com ele a sustentação de trabalho do Instituto Cidadania, caracterizando que ali, tendo em vista a figura que ele, mesmo tendo perdido a eleição de 98 ou 94, 89, não importa, mas ele se constituiu numa figura maior do que o partido, em termos de interlocução na sociedade, e que o Instituto, então, permitiria ao Lula manter essa interlocução, num espaço... não é melhor do que o partido, é diferente. O partido é parte. Ali era um lugar onde se podia dialogar mais amplamente. Daí nós fizemos toda uma

discussão e formamos o conselho. E um certo dia, um conselheiro veio dar a sugestão de a gente fazer um projeto sobre habitação, e aí começamos a série nova de projetos. O Instituto tinha feito uma série de projetos, quando era governo paralelo, e depois, fez vários, assim, mais esporádicos; e aí começou uma nova fase, pós eleição, pós 98, não é, com esse projeto Moradia. O Paulo Vanuque coordenava o Conselho. Os debates, tinham sido debates periódicos, sobre temas ácidos assim, com debatedores e com público de umas cem pessoas, (que é o que cabe no auditório do Instituto Cidadania) e eu coordenei o projeto Moradia. Daí, até 2000, final de 2000, foi minha dedicação integral ao Instituto Cidadania, dedicação integral e total. Final de 99... (Olha eu, que bonitinha, ali. Ali é o Instituto Cidadania. Eu, toda magrinha... A de cá sou eu, por incrível que pareça. E lá em cima, eu e o Palocci também, os dois magrinhos. Está vendo? Isso é 99.)

M.M. – Ah! estou vendo.

C.A. – É 99. Apesar de tudo, da derrota, não sei o quê, nós estamos tudo bonitinho. [risos] Então. Aí, eu fui até o final de 2000. 2001, eu fui para a prefeitura de São Paulo; que a Marta me convidou, eu fui assumir a administração regional da CESP. Não sei o que eu tive na cabeça naquele momento, mas... Era uma... Eu tinha uma expectativa. Como ainda acho que alguém poderá fazer algo por aquele centro. A Marta queria muito, foi uma prioridade, e que, por uma série de percalços, não foi possível. Precisava de mais compartilhamento, acho, do conjunto da sociedade, para alterar. Porque eu até falava... o pessoal olhava assim para mim ali e tal, mas eu falava que eu tinha medo de pensar no que nós pisamos lá no centro de São Paulo, porque se fez uma trama de tubos e fios e dutos, não é, das mais variadas intervenções e... Enfim, não vale a pena entrar agora aqui. Mas é uma coisa difícil, uma atribuição difícil mas bonita. Eu coordenei o projeto Reconstruir o Centro. Está escrito, está até no *site*, até pouco tempo, continuava no *site* da Prefeitura. E tive muita dificuldade. Foi uma das coisas mais

difíceis que eu enfrentei na minha vida. Porque lidar com... Assim. Embora eu não exercesse e tal, mas como arquiteta, lidar com o físico assim, é muito *legal*, você no ambiente assim. Agora, com o ambiente entrecortado de camelôs, de não sei mais o quê, de não sei mais o quê, fica mais difícil. [ri] É muito mais complicado. Eu acho que foi uma experiência muito dura. Eu reputo como uma das mais difíceis assim. Por conta dos inúmeros atores, que você não dominava. Por exemplo, a intervenção na ponta, que tem em São Paulo, de contrabando, de...

M.M. – É. Lidar com os camelôs, devia ser uma complicação.

C.A. – É bastante complicado, não é. Então. Uma série de fatores, que implicariam em ter toda uma articulação com o governo estadual, governo federal, dinheiro, não sei o quê, não tinha. E... Enfim, não vem ao caso, mas... foi extremamente, extremamente penoso, extremamente difícil.

A. F. – Uma área de contrastes muito acentuados.

C.A. – É. Uma coisa muito difícil. E foi um período difícil também. Minha irmã mais velha faleceu, foi um golpe muito grande para mim, porque eu não estava preparada para perder minha irmã. E ela constituía uma espécie de equilíbrio espiritual dentro da família. Ela era muito religiosa, ortodoxa, tal, então ela... Eu tinha delegado para ela esse departamento. [ri] E foi muito duro. Muito duro mesmo. Foi uma perda assim, muito violenta para mim, afetivamente, muito violenta. Então, foi um período bastante difícil. E daí, depois...

M.M. – Qual foi o período que você ficou lá?

C.A. – Fiquei quinze meses. Fiquei de janeiro de 2001 a abril de 2002, quando eu fui para a campanha, o comitê do Lula. O presidente, o José e o Palocci me convidaram para participar da campanha, e eu assumi a coordenação executiva do programa de governo. Palocci era o coordenador político do programa de governo e eu era a coordenadora executiva. Então

toquei essa parte na campanha, na campanha de 2002. Depois, vim para cá, na transição. E da transição, logo... enfim, nos primeiros dias, eu já estava aqui, com uma missão, que é muito *legal*. E aí eu vou contar um pouquinho para vocês o que é que faço aqui, se vocês quiserem saber.

M.M. – Claro, queremos.

C.A. – Eu conversei com o presidente, não é, e fiz uma sugestão para ele, que é assim... mal comparando, com o papel que tem no cinema, no teatro, no cinema, principalmente, o continuísta. Eu imaginei assim. O presidente é muito ativo, faz muitas coisas, fala com muita gente, não sei o quê, e muito tenderá a se perder.

M.M. – É. Fragmenta.

C.A. – É. Fragmenta, dispersa e tal. E ele tem uma característica muito interessante: ele costuma atribuir responsabilidades para os ausentes; mas ele, de alguma maneira... ele fala, e o ausente que se vira para tomar o conhecimento, não é. [ri] É muito curioso. Isso é desde que eu conheço ele. E aí, a maioria das pessoas, que não têm, vamos dizer assim, uma convivência do trabalho com ele, pode achar que ele, apenas, está comentando, mas ele não está comentando, ele está atribuindo uma responsabilidade.

A. F. – É uma decisão .

C.A. – É isso. Aí eu brinquei com ele, falei, acho que é importante que isso seja anotado e que as pessoas fiquem sabendo, não é. Então, ele topou, ele achou *legal*, e a gente montou um circuito, eu participava da grande maioria das reuniões, anotava, transformava as decisões dele... enfim, decisões, promessas, compromissos, etc. que ele assumia com os outros e os outros assumiam com ele, em pequenas frases, em uma planilha que, depois, eu fazia chegar aos responsáveis. É claro que com uma dinâmica como a dele, uma jornada de trabalho como

a dele, eu comecei a... Eu fiquei quinze meses aqui, sozinha, fazendo esse trabalho. Quer dizer, não foi o tempo todo sozinha, na segunda parte, porque aí, a partir de um determinado momento, a Miriam Belchior, que também era assessora do presidente, começamos a compartilhar, e ela começou a pegar exatamente, a partir da hora que ele dá a determinação, o caminho para a execução, e em contato com a Casa Civil, tal. E depois, isso se desenvolveu, e a Miriam me passou efetivamente a ser uma subchefia dentro da Casa Civil, exatamente de articulação e monitoramento das principais metas. Aí tem as principais. E todas que não são principais circulam por aqui, na minha equipe. Aos poucos, então, ficou evidente que eu não poderia arcar com esse trabalho sozinha e veio mais uma pessoa; depois de um ano, mais outra. Então somos três. Atualmente, eu cubro, diretamente, só a reunião da coordenação política do governo. Então eu participo, é uma vez por semana, da reunião com o presidente. E as demais reuniões, o pessoal da minha equipe cobre, eles fazem esse trabalho, organizam e tal...

M.M. – De acompanhamento.

C.A. – Não. Não é bem de acompanhamento. É de fazer chegar, processar, e depois ficar olhando. O acompanhamento... Veja. O acompanhamento é assim...

M.M. – Mas tem um pouco de acompanhamento.

C.A. – Sim, tem. No sentido de que eu vou ver se está andando, se não está andando. Mas eu não faço fazer, porque eu não sou executiva, nesse sentido, não é. Essa é uma parte do trabalho que eu faço, que eu coordeno essa equipe. É daqueles trabalhos típicos, que só é bom quando não aparece; quando você não sabe que existe, é porque está funcionando. Então... Eu não posso dizer que está... Funciona em parte e não funciona na outra parte. A gente erra, faz e come bola... tudo que acontece. Então, esse é o essencial da minha responsabilidade. A outra parte, que eu ajudei a montar uma equipe, que depois, quando o Graziano veio para cá,

ele passou a coordenar, que é a equipe que prepara subsídios para as viagens, para as viagens e para as audiências que não são de ministro. As audiências que são de ministro quem prepara é a Miriam, a equipe da Miriam. As audiências que são... sei lá, vem... qualquer pessoa, um dirigente sindical, uma personalidade, uma instituição, qualquer uma delas, a gente prepara o perfil da pessoa, do... Um negócio meio que continuação das caravanas. Nesse sentido. E a parte das viagens, quer dizer, eu dei início, aí quando Graziano veio, ele pegou, viagens e dados conjuntura. Por exemplo, a gente tem aqui, para mostrar para vocês. Isto é, ainda bem que não grava. Vocês não têm vídeo. Então aqui são os indicadores de conjuntura, não é, que ele recebe toda vez que atualiza o IBGE, sei lá. Isso aí, eu que *bolei* aí e tal. Agora, não precisa mais de mim.

A. F. – Em formato de ficha.

C.A. – É, o formato de ficha. Tem que ser assim porque atualiza em tempos diferentes, não é, cada uma delas. Aí os meninos que fazem. Quando atualiza, eles trazem assim, olha, o vermelhinho – é a que atualizou hoje, 14. Então, essas coisas todas do subsídio, eu participei da gestação mas, agora, já não estou mais, nem precisa de mim.

A. F. – Já ganhou uma autonomia.

C.A. – Já tem uma autonomia. O Graziano agora foi embora, mas o pessoal já tem uma dinâmica. E eu ajudo a organizar a preparação dele para as entrevistas. Entrevistas da imprensa.

M.M. – Coletivas.

C.A. – Coletivas ele não... [ri] Não. Ele fez várias entrevistas. Acho que a que ele mais gosta é a entrevista com as rádios, ao vivo. É uma coletiva, num certo sentido, porque tem várias rádios, não é...

M.M. – É. Várias pessoas fazendo perguntas.

C.A. – É. Mas ele deu aquela entrevista para o *Fantástico*, a do *Roda Viva*, essa agora, do *The Economist*, que teve uma repercussão muito grande, acho que foi porque eu estava de férias, então deu muito certo. Eu brinco com o pessoal assim, foi boa porque eu estava de férias. [ri] Então. Eu colaboro bastante na preparação das entrevistas do presidente, lanço lembretes para ele de algumas coisas, a nossa equipe prepara, ajuda a memória para... Toda vez que tem uma reunião, tem a seguinte, com o mesmo corpo de ministros ou de instituições, então ele recebe ajuda à memória da reunião anterior, tal. Quer dizer, a gente tenta dar a ele o máximo de retorno, atualização, ajuda à memória, tudo isso, para ele... É. Porque o que o cara tem na cabeça, evidentemente que... Agora, como ele é muito... ele tem uma memória muito grande e ele tem uma criatividade muito grande, então ele, com duas, três linhas, ele já vai para o lugar certinho, para o arquivo certo na cabeça dele, ele...

M.M. – Recupera rapidamente.

C.A. – É. Ele recupera, ele utiliza, tal. Então é isso, quer dizer, isso é o essencial do meu trabalho aqui. É um trabalho pesado. Não existe assim – ah! amanhã eu termino. Ele não termina. Ele não termina, porque ele está... E no meio disso, a gente faz, eu estou fazendo um negócio *legal* aí, que, dependendo como for, se ele... Em geral, quando tem uma coisa assim mais... digamos, que dá muita informação e tal, ele recomenda distribuir para os ministros, divulgar para os líderes dos partidos. Dependendo como for o agrado ele, eu posso até mandar para vocês assim, porque é... O que é que eu estou fazendo? Eu estou pegando o programa de governo que ele foi eleito, a carta ao povo brasileiro e as diretrizes, eu estou construindo um elo de correspondência com as realizações dele. Então é... Porque é inacreditável como companheiros e companheiras, na minha opinião, não estão... por uma obsessão de um formato

idealizado de governo e de Estado, não estão vendo o que o Lula está fazendo para o povo. Agora mesmo, eu tive uma discussão quase feia com alguns companheiros, ali fora, por causa da reunião do diretório nacional que vai ter no fim da semana, tal. Mas, especificamente, se pegar o documento de diretrizes e se você separar... eu sei que não pode separar, mas digamos, se você separar o rumo da ruptura, que é exatamente o partido não adotou (nenhum) presidente, não é, quer dizer, a disputa eleitoral se deu na base da...

A. F. – É o documento de Recife, você diz.

C.A. – É, o documento de Recife. Se você tirar a idéia da ruptura propriamente... o termo ruptura, não é nem a idéia, e você olhar substantivamente o documento, nós não temos nada do que nos envergonhar, entendeu, nada, nada, nada. Pelo contrário. Então, os embates, em alguns momentos, no caso do movimento dos sem-terra, por exemplo, agora, mais especificamente, a ação da mulheres, no dia 8 de março, nitidamente, é uma outra questão que está em jogo; é você quer ou não quer um país que convive com diferentes formas de produção e com diferentes setores da sociedade. Quer dizer, quando eles dizem que se aquela pesquisadora fosse séria não teria se vendido para uma multinacional... Vocês viram isso, essas declarações? Eles estão desenhando um tipo de sociedade que... é um desejo, é legítimo, cada um defende a sociedade que quer...

M.M. – Mas muito pouco realista, na situação do Brasil, não é.

C.A. – É. Pode até ser... Na minha opinião, ela é... Ah! isso que eu queria falar para vocês. Na minha opinião, ela contradiz as minhas convicções porque eu, nos últimos anos, eu formei uma convicção muito forte. Vocês não me perguntaram isso, mas eu vou dizer. Se você me perguntar o que é que eu sou, do ponto de vista de uma definição política, socialista, não sei o quê, eu diria que eu sou democrata ao extremo, ao extremo quase impossível. Ou

seja, eu não acredito, eu não aposto, eu não confio em soluções excludentes, onde... Governo, sim, segmentos que comando ou que têm hegemonia sobre a sociedade, sim. Mas setores que tomam poder e excluem os demais, eu não estou de acordo. Eu fui conquistada por esse pensamento em algum momento da minha vida, acreditei nesse pensamento, mas eu não acredito, não penso nisso. Acho que é um erro, acho que... acredito eu que prejudica... Eu vejo algumas pessoas falando: não, nós ganhamos o governo, mas não ganhamos o poder. Ganhar o poder quer dizer o quê? Que a gente vai se livrar dos outros? É isso?

M.M. – Não. Ganhar o governo significa um equilíbrio, lidar com o equilíbrio de forças.

C.A. – Não, que você pode ter mais, tudo bem. Mas não imaginar que...

M.M. – Mas você não pode eliminar as outras forças.

C.A. – É isso. Você não pode... Eu sou avessa a qualquer idéia de eliminação do outro no terreno político, econômico, social. Quer dizer, eu não tenho terminologia sociológica, eu não tenho literatura, não tenho. Tenho uma vivência e um trabalho aqui, que eu estou tentando enxergar por aí. Então, voltando, por que é que eu estava falando disso? Porque é um dos trabalhos que eu estou fazendo para o presidente, é fazer uma recuperação, um resgate do que se disse que se queria...

M.M. – O que queria fazer, o que se está fazendo.

C.A. – Na verdade, em cima do que nós estamos brigando, alguns de nós, com nós mesmos, entende. Se é que há efetivamente motivos para essa briga, quando se trata do pessoal. Então acho que há, sim, há outros caminhos que não são os que... levaram o Lula à presidência e que não são o que o Lula pretende traçar. E assim vai. Agora, eu já não vou mais desenvolver esse raciocínio porque, para esse tipo de raciocínio refinado, eu não estava preparada. Corta. Essa parte você corta, viu, que eu não estava preparada.

M.M. – Depois você vê o que é que você quer manter.

C.A. – Não. Vocês mesmos. Você vê como é que entrou isso. Como entrou, dentro das minhas tarefas aqui, que eu já estou aproveitando...

A. F. – Não, eu acho importante, como é que você faz esse balanço, como é que você vê os princípios fundamentais de orientação da sua trajetória, quer dizer, o balanço disso, com essa experiência, e a ênfase que você dá hoje, não é, em termos de princípios, de valores. E na mesma linha, para a gente já ir fechando, eu queria perguntar. Em relação ao PT, você tem essa polêmica aí, essa postura inicial, mas afinal de contas, se não estava no ato de fundação, você estava no debate sobre o processo do que era o PT, você acompanhou, desde o primeiro momento, desde o processo de gestação da proposta; de alguma forma, todas as forças de esquerdas que estavam nesse debate é porque estavam... E logo em seguida entrou, ativamente, e foi... Como dizia seu pai...

C.A. – E sou filiada, cotizada....

[FINAL DA FITA 3-A]

C.A. – O PT, na minha opinião, sofre como todo partido político sofre quando tem que trocar em miúdos os seus desejos, não é.

M.M. – Mas tem que governar

C.A. – É. Mas tem que governar. Então é... Quando, às vezes, (de novo) quando eu leio diretrizes, vejo formulações que, em si, são extremamente corretas e justas... Não sei se corretas, mas justas, não é. Por exemplo, a universalização de tais e tais serviços, não é. Isso é distribuição de riqueza. Distribuir uma riqueza, você tem que gerá-la. Para gerá-la, você tem

que ter... você tem que ter daonde, não é? Então... Eu não sou economista, não sou socióloga, mas é uma equação evidente, que a gente está dentro disso: como é que nós podemos ter uma sociedade que gera riqueza e... Essa é a equação, inclusive, do socialismo, não é, como é que você faz com que o conjunto da sociedade possa usufruir da riqueza gerada por ela mesma, não é. Então é... Quando você está no governo, é mais difícil de dividir essa... Porque, ou tem ou não tem, não é. É claro que aí entra a outra polêmica: não, mas se não pagar a dívida, terá. Aí eu pergunto: terá? Porque, se você não pagar a dívida, num mundo globalizado, com relações multilaterais e internacionais e tal, será que você produziria a mesma riqueza? Que é a discussão que eu acho, hoje, não é, quer dizer, eu acho que o Lula tem que ser reeleito porque ele faz bem para o Brasil. Ele faz bem para o povo e está fazendo reverter para o povo frutos... é o que está todo mundo vendo, não é, quer dizer, renda, emprego... Além da renda, poder comprar mais com a mesma renda. Quem não tem mais compra mais. Então, é a mesma coisa, não é. Como ter mais. Está todo mundo aí, classe C, D, comprando mais, então... o que é que é? Comida, parará... E a C, agora, viaja para o exterior, olha só esses avanços; com um monte de farofeiro, não é. É bárbaro isso daí. É bárbaro. Então você tem uma movimentação do país, que se sustenta também, na minha opinião, se sustenta, fortemente, no cartão de visita da credibilidade que o Lula criou na sua relação com as potências. Então é... Isso aí é que não pode desequilibrar, na minha opinião. Então... Ela é muito delicada. Então, quando, por exemplo, quando... Só mais um pouquinho programático, depois eu volto para a questão do PT. Quando muitos companheiros, hoje, dizem não, mas é só mudar os juros, o superávit, que aí, o resto, está tudo igual; não está. Porque nós vamos ter alterações nessas relações, de credibilidade, nessa relação com outros países e tudo. Então sempre, para você construir esse todo, que melhora a educação, que trouxe... Ah! gente. Sabe quantas pessoas ingressam nas federais, por ano? Todas as federais juntas, mais ou menos, cento e vinte mil. Sabe quantas

pessoas entraram pelo ProUne? Cento e doze mil. Vocês entendem? Em um ano você colocou, deu ingresso a cento e doze mil jovens pobres. Aí, tudo bem, aí tem gente que fala, não, é universidade paga, não tem qualidade, não sei o quê, tal. Está bom. Mas aquele menino não ia ter oportunidade nenhuma, ele ia para o bebeléu. Então ele está...

M.M. – Nem todas as faculdades privadas são tão ruins assim.

C.A. – Não. E nem todas as públicas são tão boas. Convenhamos, professora, a senhora dá aula, eu também já dei, nós sabemos que nem tudo que reluz é ouro, nem tudo que fede é merda, não é. Então... é assim. É. Bem. Eu creio que... na minha opinião, a equação, o produto que nós temos, tirando, claro, uma ou outra coisa –, é evidente que o Banco Central poderia ter aumentado mais 0,25 cada mês, não é–, o produto final, o todo, ele é exatamente o resultado dessa costura, que no meu entender é a qualidade maior do Lula, que ele treinou nas caravanas, que é de agregar e articular os diferentes. Acho que o Brasil que nós estamos vivendo hoje é produto dessa figura, de como ele conduz. O que ele fez... Por exemplo, a Marina. A Marina entra, fala: não, tem que ter transversalidade. No começo, o Lula até brincava com ela, não é, transversalidade, tal, não sei o quê. Ele instalou a transversalidade nesse governo. Entendeu? A Marina, até, estava no Roda Vida nessa segunda-feira, ela falou muito disso, de como que era o trabalho de vários ministérios, não sei o quê, tal. Bom. Na minha opinião é o tino do Lula que faz com que o Brasil, hoje, tenha um projeto do biodiesel, que é um projeto de... Eu até brinco aqui. Tem uma frase na Diretrizes, que fala que é um desenvolvimento sustentado, ecologicamente equilibrado, socialmente justo, não sei o quê. Então eu falo assim: pega o biodiesel; é a coisa mais exemplar. Foi feito agora o leilão, tem cinco empresas, os lotes e não sei o quê... e sessenta e cinco mil famílias de pequenos agricultores envolvidas nessa história. O BNDES está emprestando para o pessoal do eucalipto, na condição de, pelo menos um terço seja comprado de famílias de pequenos

agricultores. O Pronaf, que era 2.6 bilhões quando nós assumimos, está hoje em nove bilhões; triplicou o Pronaf. Então, você começa a ver, quer dizer, a quantidade de coisas que... Por qualquer lado que você pegar. O bolsa-família, nem se fala, não é, gente, é a menina dos olhos, tal. Então você tem um conjunto, que eu acho, que é possível de fazer porque ele costurou isso com o FMI, com não sei o quê, com não sei o quê. Não consigo imaginar fazer tudo isso e ficar de costas para os compromissos internacionais, por exemplo; acho que não ia conseguir. Por quê? Porque aí você ia ter um deslocamento, não só dos produtores de riqueza... Está bom. Não vamos discutir Engels, aquelas coisas, não, que quem produz a riqueza é o proletariado. É verdade. Mas no mundo globalizado, você tem um... Então eu acredito que é uma equação... com defeitos cá ou lá, mas ela é uma equação que vingou porque o Lula costurou essa diferentes coisas.

M.M. – Eu acho uma coisa interessante nisso que você está falando. Eu estou escrevendo um livro sobre o governo Jango. E outro dia, eu recebi um e-mail de um cara – esses *blogs* aí de políticos e tal – dizendo que o Lula era um novo Jango. E eu acho que, realmente, não tem nada a ver. Embora eu até seja simpática à figura do Jango. Mas o Jango teve uma dificuldade enorme, acho, dele e também dos partidos e dos grupos que o apoiavam, de fazer isso, de agregar, de juntar essas partes e de ter coragem de certas horas assumir certas posições, que para muitos podem até ser consideradas como conservadoras ou reacionárias: vai pagar a dívida, vai negociar com os bancos, enfim. Então acho que é muito diferente essa postura do Lula, acho que é uma postura muito diferente, dentro do espectro ideológico da esquerda.

C.A. – É. E eu acho que ele marca, para mim... Eu nunca vou esquecer o dia que ele, dirigente sindical, (vi isso na televisão) sentou na frente do Mario Amato, se não me engano, que era o presidente da Fiesp, e chamou ele de você. Foi um marco. Em 78, 79, 77, sei lá. Ele chamou... olhou nos olhos dos empresários e... O que ele fez lá com os metalúrgicos ele está

fazendo com o Brasil. Porque ele senta com o Bush e é assim: tu é chefe de Estado, eu sou chefe de Estado; tu foi eleito, eu fui eleito, então... Começa assim, de igual para igual. O Brasil foi posto nessa situação. Muito diferente do Fernando Henrique Cardoso, que conversou com todos os chefes de Estado mas *ele* se valorizou, e não o país. O Lula está trazendo um país, fazendo aflorar um país. Então eu acho que tudo isso se deve a essa qualidade, agregadora, costuradora dos diferentes setores, e ao jogo inteligente com a globalização, que é um dado, que não nos pertence, que ela aconteça ou não, ela está acontecida. Bom. Então, eu acho isso assim. No âmbito da política, eu acho que Lula também, com todos os problemas que a gente teve, (a gente não falar da crise hoje, se um dia vocês quiserem falar, a gente fala) mas o Lula também, ele não... por exemplo, ele é um homem que... ele não guarda rancor. Então eu... Deve ter um ou outro caso da vida dele, sei lá, ele guarda rancor, alguém que eu não sei. Mas no dia-a-dia dele, ele tem um lado, se assemelha a uma criança – não é infantil, se assemelha a uma criança, em que sentido? A criança quando fica com raiva, ela esperneia fortemente, e, imediatamente, ela está recomposta, não é. E ele não leva raiva para casa, não traz raiva de um lugar para o outro; ele se recompõe, e trata das coisas assim, com esse espírito agregador, que eu falo que é o lado materno dele, não é, o colo que ele dá, tal. Então eu acho que ele, na política também, ele conseguiu, ele se igualou às maiores lideranças do planeta. E eu acho que isso tudo foi uma combinação. Acho que se a gente começar a fazer muita arte aqui, eu não sei se a gente mantém essa liderança planetária. Então... Voltando para o PT. O PT acho que tem que... O PT, na minha opinião, deve, precisa, está tentando, da maneira que pode, da maneira que sabe, viver essa experiência. Eu acho que menos do que precisaria, não é. Atropelado pela crise, para a qual o PT não estava preparado. Eu acredito... Eu como fui tesoureira do partido e de uma campanha nacional, eu diria que nós não soubemos equacionar a nossa ação num universo que é devorador. Hoje em dia... Vocês não me perguntaram por

que eu não me candidatei de novo. Todo mundo me pergunta. Vocês não me perguntaram. E eu, depois daquela eleição, eu sempre dizia...“Você vai se candidatar?” Eu falava: “Só se mudar, se tiver financiamento público e lista partidária.” Por quê? Porque a lista... Você pode se estapear, se matar, dentro do seu partido. Feita a lista, todo mundo vai fazer campanha para a lista. Não tem discussão. O partido define a ordem e a sociedade define os quantos. E acabou. Então eu dizia assim, eu só volto a me candidatar... talvez –, não que eu quisesse assim, mas – se algum dia eu pensar em me candidatar, só vai acontecer se tiver financiamento público e lista partidária. Eu tenho essa convicção. E acho que o partido não elaborou muito nessa direção, não se empenhou, no Congresso e na política, para fazer a reforma política. Embora eu não tenha ilusões que com lista, com financiamento público vá ter assim o paraíso, não é, porque a sociedade... Por exemplo. Eu acho, todo brasileiro e brasileira com certo poder aquisitivo mínimo já passou por um consultório que lhe perguntaram (o preço) com recibo ou sem recibo, todo mundo já pediu uma nota fiscal numa loja e te olharam como se você fosse um ET, certo? Todo mundo já passou por isso. Ou seja, isso é o caixa dois, não é, que tem que ser combatido no conjunto da sociedade. Quer dizer, existe...

M.M. – Isso é uma cultura política muito enraizada.

C.A. – Não, política e social, não é, porque não pedir nota fiscal é uma coisa... Outro dia, eu estava vendo... um menino – que até a Marta convidou para ser secretário da Educação, ele não aceitou –, que é da PUC... Como é que ele chama? Sérgio... Mário Sérgio Cortela. Ele estava falando que – puxa, as pessoas querem mais educação, mas não se preocupam na hora de pedir o cupom fiscal, não é, e que o cupom fiscal é que dá a grana para fazer educação, não é. Então, essa cultura, o partido poderia ter investido aí. E não investiu. Eu repito, não acho que da noite para o dia o país ia alterar os costumes; mas, se ninguém fala disso, ninguém faz campanha, ninguém batalha... Eu me lembro que o Arrais, uma época, fez uma campanha, que

dava ingresso para estádio para quem trouxesse um pacotão de notas fiscais e não sei o quê. Teve alguns momentos, em alguns governos estaduais, que teve estímulo à nota fiscal. E até o presidente, umas épocas, até pensou...

M.M. – O Lacerda, nos anos 60, fez “o seu talão vale um milhão”.

C.A. – O Lacerda deve ter feito, não é. É. “Seu talão vale um milhão”, exatamente. Se você não constrói essa cultura... Então, assim, político é filho da puta; agora, profissional liberal que não dá nota ou que cobra mais barato sem nota é bonzinho, porque ele te cobrou menos. Você percebe? É claro que são responsabilidades diferentes perante a sociedade, não estou igualando. Mas eu acho que nosso partido não expressou em ação, em batalha no Congresso, em batalha na sociedade, na nossa base, essas convicções. Então, aos poucos, você vai acostumando, vai deixando. A lista partidária, ela responde a uma outra questão. Porque numa sociedade em que a disputa é por meios materiais, você está disputando com o cara do PFL ali do lado, cheio da grana, você vai lutar, vai fazer de tudo para arrumar a grana, para poder disputar com ele. Mas, já que é para disputar, você vai começar a dar cotovelada no teu companheiro de partido também. Então a lista, na minha opinião, ela tem um pouco essa função de tirar um pouco do canibalismo intrapartidário, depois interpartidário e tal. Então eu acho isso do PT, eu acho que tem esse problema. Tem o problema das contradições, que estão nas Diretrizes, que se mantêm até hoje, embora... Elas permeiam todo o debate político. Quer dizer, rompe, não rompe, qual é, de fato, onde a gente quer chegar, eu acho que essas estão sempre ali; mais, menos, elas estão sempre permeando, elas pressionam o governo do presidente Lula, pressionam o presidente, essas contradições. Parece até uma propaganda (já que você está nessa viagem) uma propaganda da FENIT. No Rio, tem FENIT? Não, não é. A Feira Nacional da Indústria Têxtil. Aí tinha uma propaganda, que era uma mulher assim, e tinha um anjinho que falava assim: “Vá à FENIT” e um diabinho falava assim: “Não vá à

FENIT”. O Lula fica assim, não é, com essas pressões. [ri] Rompa, não rompa; rompa, não rompa. É uma tensão, faz parte, faz parte desse perfil dele, de ficar ouvindo todo mundo e tal, agora o partido está atravessado por isso. Está atravessado. E está atravessado, na minha opinião, numa equação frágil, bastante fraca e distante. Porque, no meu entender também, o partido cometeu um erro: quando a gente assumiu o governo, o partido se voltou para a leitura do governo, não fez... Claro que vem muita gente para o governo, esvaziou bastante as instâncias partidárias, tudo isso rolou, rolou, aconteceu. Mas na verdade, quer dizer, algumas coisas dentro da sociedade... A sociedade tem três poderes constituídos, tem a imprensa, tem a igreja, tem não sei o quê, e as lideranças partidárias se voltaram exclusivamente para a cobrança do governo. Então eu acredito que aí, o exemplo maior talvez seja a reforma política. Porque, desde o primeiro dia, o presidente falou: eu vou apresentar reforma previdenciária, reforma tributária e uma reforma política, o papel dos partidos. Os partidos não tocaram para a frente isso, não é. Então... não é condenar, mas é uma constatação. E assim algumas outras questões. E também assim, quando você vê, por exemplo, o bispo Cáprio fazendo a movimentação, a greve de fome que ele fez, por causa do São Francisco, aí você fica olhando... não é possível. Mas será que não tem alguém para fazer greve de fome do lado de lá? Está tão cheio de gente que é a favor, que está vendo que vai ter benefício, não é. Está meio desequilibrada essa história. O movimento sindical batalhando para reduzir o imposto de renda, eu nunca vi. Eu fui da CUT muitos anos, não é. Quer dizer, a grande massa assalariada do país não ganha, para aquela faixa que a CUT pressionou. Não digo que não deva defender. Por que não? Até eu fui beneficiada com isso. Mas é estranho. O salário-mínimo e o imposto de renda foram as bandeiras, durante dois anos, principais da CUT. Eu estranho isso. Eu quero dizer que eu estranho isso. Eu tenho muita coisa, eu posso soltar aqui um rol de coisas, onde o partido foi se ausentando dentro da sociedade, para o diálogo, para tudo. E eu acho que também um pouco

recolheu as baterias. Bom, já que tem governo, o governo tem exército, polícia federal, ministro, palácio, não sei mais o quê, não preciso mais me preocupar com nada. Então recolheu. Aí, na hora que foi pego assim, no susto, na tragédia, é totalmente sem pai nem mãe, sem discurso, sem... cenas patéticas, que nós todos protagonizamos, não é. Então, eu acho que o partido tem esses aspectos todos. Não sei onde vai parar. Eu creio que aos poucos vão se desenhando coisas. Por exemplo, quando sai, cria o PSOL, na minha opinião, tem mais gente dentro do PT que pensa igualzinho ao PSOL, então... Só para ficar no PT. Também não acho que tem que expulsar, nada; mas, não combina muito, não é. Quer dizer, está mais para um lado do que para o outro. Aí alguns dirão que eu combino mais com... sei lá, a esquerda Tucana. Talvez. Talvez, um caminho, possa ser um reordenamento partidário no país, que reacomode blocos, pessoas com visões um pouco mais próximas. Não sei. Eu não fiz uma reflexão sobre isso. Mas eu acho que tem muita coisa para rearrumar; e o partido acho que está... está faltando vitamina, não é, para encarar tudo isso. [ri] E tenho receio... (Isso aí não sai antes da eleição, não é?) Eu tenho receio que a gente trabalhe dando tiro no pé, nesse processo eleitoral, pelo que eu estou vendo de textos e tudo isso, eu tenho receio que a cobrança para o Lula e para o governo Lula seja maior do que a...

M.M. – Da sociedade em geral.

C.A. – Não, não. Não. O partido faça um programa que expresse tristeza, insatisfação, medo de ser governo, medo de ser feliz. Entende? Porque... ah! ‘tá, fizemos tudo mas... porra! olha o juro, olha isso, olha aqui. E aí você acaba, primeiro, ajudando o discurso do outro, não é. Eu já comentei com alguns companheiros que alguns dos textos preparatórios que eu vi, ainda são muito preliminares, mas alguns que eu vi, se eu fosse o Alckimin, e na época, o Serra, (eu não sabia que... Eles definiram hoje, não é) eu pegava e lia na televisão.

M.M. – Mas é isso que eu estou dizendo. Acho que tem propostas do PT que estão mais críticas ao governo, ao Lula do que propriamente de outros setores da sociedade que não são do partido.

C.A. – É. E eleição é eleição. Você quer ficar por quê? Eu acho que é assim. Eu faria os treze pontos por que o Lula tem que continuar mais quatro anos. Ponto número um: Lula faz bem para o povo. Ponto número dois: Lula faz bem para o povo. Ponto número três: Lula faz bem para o povo. Ponto número quatro: Lula faz bem para o povo. E assim iria até o treze. Claro, estou exemplificando. Mas é o essencial, é pelo que a gente lutou. Eu não consigo entender. Parece que tem um pânico, síndrome do pânico de cair na felicidade, de ver resultados. É muito estranho. Claro, eu não estou falando de todo mundo. Eu estou dizendo o que eu apreendo de alguns textos prévios que estão entrando.

M.M. – Posso falar uma coisa? A gente já está terminando a entrevista. Sabe o que é que eu acho? Eu vou dar uma opinião aqui. Esquece que nós estamos fazendo a entrevista. [risos] É que eu acho assim...

C.A. – Agora, é ela que está dando o depoimento. [ri]

A. F. –É. Virou a história. [ri]

M.M. – Eu não estou resistindo.

C.A. – Olha o que eu provoquei aqui.[ri]

M.M. – Eu não estou resistindo ao que você está falando. Posso até desligar, para falar isso com você. Mas sabe o que eu acho? Eu acho que tem um segmento enorme do PT que está muito preso a um modelo, um espectro de política muito do passado. Eu digo sinceramente, eu me sinto muito identificada com essa nova posição desses grupos do PT.

Porque eu fui uma petista lá de 1980, de participar. Mas, a partir de um determinado momento, eu não tinha o menor *saco* para aquelas campanhas. Eu sempre votei no PT, sempre votei no Lula, mas eu me sentia muito pouco identificada com aquelas coisas: fora! Não sei o quê. Uma série de palavras de ordem e de projetos e de propostas...

C.A. – E a gente tira essa, podemos falar assim: nós mandamos embora o FMI. E agora?

M.M. – É, exatamente. E coisas que a gente sabe inviáveis. Não é? Aquelas coisas?

C.A. – Não. Escuta. Eu acho que as coisas têm um papel, têm um lugar, etc. Agora tem papéis na sociedade, não é. Então, se o PT entende que deva fazer uma campanha que propõe mudar coisas de fundo, estruturais desse governo, então o PT quer outro governo, não quer esse. Porque o povo só vai votar no Lula se for nesse sentido: o cara é bom e eu quero que esse cara que é bom continue. Como é que eu vou fazer campanha dizendo: olha, ele é bom, mas o que ele fez não é bom, ele tem que fazer outra coisa.? Então voto no outro. Não é? Bom. Mas aí... Enfim...

M.M. – Deixa eu te fazer uma pergunta aqui, para encerrar.

C.A. – Quantas você quiser. Eu só estou começando a arrumar a biboca, mas...

M.M. – Agora, Clara pessoa física.

C.A. – Mas o tempo todo eu falei como pessoa física.

M.M. – Não, claro. Mas você está falando muito do ponto de vista político. É uma pergunta de caráter mais pessoal.

C.A. – Certo. Pois não. Diga.

M.M. – Eu fico aqui pensando... Primeiro, eu não conhecia essa sua formação familiar, religiosa, entendeu. E eu vejo assim, você é uma pessoa tão brasileira, tão inteirada das coisas

desse país, como é que foi esse processo, dentro da sua cabeça? Quer dizer, você nasceu fora daqui, você passou os primeiros dez anos fora daqui, você viveu fora daqui, a sua família não está aqui, você foi criada falando uma outra língua...

C.A. – Três, não é. Três línguas.

M.M. – Uma outra religião. Como é que foi esse processo, para você se converter em um... [ri]

C.A. – Não. Olha, Marieta... Marieta, não é?

M.M. – É.

C.A. – Tem um restaurante aqui que chama Marieta, que tem uma comidinha boa. É uma rede. Tem em vários lugares. Olha, Marieta, é uma coisa que tem... tem prazeres muito grandes. E isso traz, por exemplo, um sentimento de... uma espécie de cosmopolitismo, que me acompanha, facilidade de conviver com pessoas, povos, línguas culturas, que é muito *legal*. Uma das coisas mais marcantes da minha vida foi quando eu atravessei o Atlântico, com dez anos de idade. Quer dizer, é uma coisa... Você não pode imaginar o que é isso na cabeça de uma criança, atravessar um oceano, e as línguas, tudo. Nessa travessia, eu fui num navio italiano, de lambuja aprendi um pouco de italiano também. Então tem essa... acho que uma abertura, uma ruptura de barreiras... ou ausência, não ruptura, uma ausência de barreiras, não é, para convivência. De outro lado tem alguns sentimentos, algum sofrimento, não é. Viver separada da minha família é bem sofrido para mim. Eu vejo eles bastante, eu vou para lá, em geral, uma vez por ano, e agora, minha irmã vem para cá, em geral, uma vez por ano, a gente então acaba se vendo duas vezes por ano; e o resto da família, uma vez por ano só, os de lá, que não vem mais gente para cá. Mas é um sofrimento. É....

[FIM DO DEPOIMENTO]